



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

EDILENE ELIDIANE DA SILVA ALVES

MIGRAÇÃO CAMPO-CIDADE: UMA ANÁLISE DA COMUNIDADE
LOGRADOURO, LAGOA-PB

CAJAZEIRAS -- PB

2024

EDILENE ELIDIANE DA SILVA ALVES

**MIGRAÇÃO CAMPO-CIDADE: UMA ANÁLISE DA COMUNIDADE
LOGRADOURO, LAGOA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Unidade Acadêmica de Geografia (UNAGEO), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus de Cajazeiras – PB.

Orientadora: Prof. ^a Dra. Mara Edilara Batista de Oliveira

CAJAZEIRAS – PB

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

A474m Alves, Edilene Elidiane da Silva.
Migração campo-cidade: uma análise da comunidade logradouro, Lagoa-
PB / Edilene Elidiane da Silva Alves. – Cajazeiras, 2024.
54f. : il. Color.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Mara Edilara Batista de Oliveira.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2024.

1. Migração - Campo- Cidade. 2. Comunidade Logradouro - Lagoa-
Município - Paraíba. 3. Camponês. 4. Migração no Brasil. I. Oliveira, Mara
Edilara Batista de. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 314.15

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

EDILENE ELIDIANE DA SILVA ALVES

**MIGRAÇÃO CAMPO-CIDADE: UMA ANÁLISE DA COMUNIDADE
LOGRADOURO, LAGOA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Unidade Acadêmica de Geografia (UNAGEO), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus de Cajazeiras – PB.

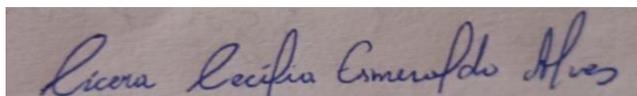
Orientadora: Prof.ª Dra. Mara Edilara Batista de Oliveira

TCC aprovado em: 25/ 11/ 2024

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dra. Mara Edilara Batista de Oliveira – UFCG
(Orientadora)



Prof.ª Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves – UFCG
(Examinadora)



Prof. Me. Marcos Assis Pereira de Souza – UFCG

(Examinador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por estar sempre ao meu lado, constantemente me ajudando a vencer todos os desafios enfrentados, e conseguir concluir o Curso de Licenciatura em Geografia.

Sou grata à minha família pelo apoio, e pelo constante acompanhamento durante todo o processo acadêmico, em especial aos meus pais; meu pai, Geraldo Alves da Silva, minha mãe, Francisca Maria da Silva que sempre se esforçaram para eu obter uma vida melhor.

Gratidão aos amigos que fizeram parte da minha história durante esses 5 (cinco) anos de estudos e vivências, grata pelo apoio e companheirismo, sendo fundamentais em minha trajetória na UFCG, em especial agradeço a Maria de Fátima, Francisco Antônio, Sirlene, Maria Vitória, Isabela, Rafael, Ana Carolina, e Thalita Pedro, que sempre farão parte da minha história. Sempre serão parte das minhas melhores lembranças.

Aos queridos amigos e de muitos anos, durante o ensino médio, aos amigos que conheci durante o curso, e os amigos de ônibus por todos os momentos vivenciados juntos.

Desejo agradecer a todos os moradores e ex-moradores que de bom ânimo se disponibilizaram a partilhar de suas vivências na comunidade Logradouro. Foram de grande importância para a realização do trabalho de pesquisa.

Também agradeço à Universidade Federal de Campina Grande - Campus Cajazeiras - PB (UFCG); obrigada toda a gestão pelo acompanhamento com responsabilidade; gratidão aos professores por todas as contribuições que direta ou indiretamente, ajudaram na minha formação como profissional na área da geografia. Agradeço especialmente a Profa. Dra. Mara Edilara Batista de Oliveira pela orientação e pelo acompanhamento em toda a pesquisa. Aos examinadores Prof. Me. Marcos Assis e Profa. Dra. Cecília Esmeraldo, por aceitarem compor a banca na apresentação do TCC, professores a quem tenho grande estima.

Aos professores que me acolheram com muito carinho nos estágios supervisionados, e no Programa Residência Pedagógica, e agradeço novamente a Profa. Dra. Cecília Esmeraldo pelo acompanhamento e os ensinamentos que muito contribuiu para a minha formação docente.

Por fim, quero agradecer a todos que de forma direta ou indiretamente colaboraram para durante todo o processo acadêmico na UFCG.

“Nas paisagens se espelham harmonia e contraditoriamente, o passado, o presente e o futuro, lembrando o que foram, o que são e o que virão a ser”.

(Andrade, 2010, 14)

RESUMO

A migração interna no Brasil, a partir dos anos 1950, movida pelo sistema capitalista e a urbanização, trouxe impactos significativos nos âmbitos econômico, político e social no país. Esses processos contribuíram para o avanço da migração campo-cidade, onde muitas pessoas migravam em busca de melhores condições de vida. A modernização agrícola no campo também foi outro fator para a retirada de muitos camponeses das áreas rurais para as cidades. Este estudo teve como objetivo geral, analisar o processo migratório da comunidade Logradouro e refletir sobre os desafios que os moradores da zona rural enfrentam para permanecer na comunidade. O texto trata-se de um estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa, complementando com o estudo de campo e a aplicação de questionários para moradores e ex-moradores da comunidade Logradouro. O estudo dos questionários vai auxiliar na compreensão do processo de migração Campo-Cidade na comunidade Logradouro. Além de analisar os desafios que os migrantes camponeses têm ao mudar-se para as cidades. Nesse contexto, é possível considerar que a comunidade Logradouro, localizada no município de Lagoa, Paraíba, tornou-se um exemplo marcante de esvaziamento populacional, resultando na desvalorização do território. Por fim, destaca-se a importância de novas alternativas para os camponeses obter a oportunidade de revalorizar a comunidade Logradouro e garantir a permanência dos camponeses no meio rural. Destacando a agricultura familiar, turismo de base comunitária e a pluriatividade como proposta para revalorizar esse território.

Palavras-chave: Migração Campo-Cidade; Comunidade Logradouro; Camponês; Desvalorização; Revalorizar.

ABSTRACT

Internal migration in Brazil, starting in the 1950s, driven by the capitalist system and urbanization, brought significant impacts on the economic, political and social spheres in the country. These processes contributed to the advancement of rural-urban migration, where many people migrated in search of better living conditions. Agricultural modernization in the countryside was also another factor in the withdrawal of many peasants from rural areas to cities. This study had the general objective of analyzing the migratory process of the Logradouro community and reflecting on the challenges that rural residents face in staying in the community. The text is a bibliographic study, with a qualitative approach, complemented by field study and the application of questionnaires to residents and former residents of the Logradouro community. The study of the questionnaires will help to understand the Country-City migration process in the Logradouro community. In addition to analyzing the challenges that peasant migrants face when moving to cities. In this context, it is possible to consider that the Logradouro community, located in the municipality of Lagoa, Paraíba, has become a striking example of population emptying, resulting in the devaluation of the territory. Finally, the importance of new alternatives for peasants to obtain the opportunity to revalue the Logradouro community and guarantee the permanence of peasants in rural areas is highlighted. Highlighting family farming, community-based tourism and pluriactivity as a proposal to revalue this territory.

Keywords: Country-City Migration; Public Place Community; Peasant; Devaluation; Revalue.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Localização da comunidade Logradouro através do Google Earth.....	26
FIGURA 2 :Área do Logradouro através do Google Earth.....	28
FIGURA 3: Igreja da comunidade.....	29
FIGURA 4: Entrada do Logradouro e Serra do Logradouro.....	29
FIGURA 5: Representação do relevo na comunidade Logradouro.....	30
FIGURA 6: Representação da seca na comunidade.....	31
FIGURA 7: Açude do Logradouro.....	31
FIGURA 8: Casa com morador no Logradouro.....	32
FIGURA 9: Aspectos das estradas na comunidade Logradouro.....	33
FIGURA 10: Escola fechada na comunidade Logradouro.....	37
FIGURA 11: Lateral da escola do Logradouro.....	38
FIGURA 12: Casas inabitadas.....	38

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Questionário para moradores do Logradouro.....	41
TABELA 2: Questionário para ex-morador.....	43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - População Urbana/Rural no Brasil em 2010.....	19
Gráfico 2 - Questionário para ex-morador (perguntas fechadas).....	34
Gráfico 3 - Questionário para ex-morador (perguntas fechadas).....	35
Gráfico 4 - Questionário para ex-morador (perguntas fechadas).....	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PB	Paraíba
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra,

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1.FATORES QUE IMPULSIONARAM A MIGRAÇÃO NO BRASIL NO SÉC. XIX E XX....	14
1.1 O PROCESSO DE MIGRAÇÃO INTERNA NO BRASIL.....	16
1.2 O CAMPONÊS E OS DESAFIOS DA MIGRAÇÃO CAMPO-CIDADE.....	21
2. CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE LOGRADOURO	26
2.1 OS DESAFIOS DA COMUNIDADE LOGRADOURO E O PROCESSO MIGRÁTÓRIO PARA LAGOA-PB.....	34
2.2 RESULTADOS DO PROCESSO DE MIGRAÇÃO CAMPO-CIDADE NA COMUNIDADE LOGRADOURO.....	39
3. ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO: FATORES CONTRIBUINTES PARA A MIGRAÇÃO DA COMUNIDADE LOGRADOURO	41
3.1 ENTRE O CAMPO E A CIDADE: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A PERMANÊNCIA NO MEIO RURAL	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICES	53

INTRODUÇÃO

É de conhecimento geral que as transformações no meio rural brasileiro foram profundamente marcadas pelo desenvolvimento das atividades econômicas, políticas e sociais do período colonial. Esse processo impulsionou, entre outras mudanças. Com o avanço das atividades agrícolas, uma grande concentração de terras (latifúndios) ficou nas mãos dos proprietários, que utilizavam trabalho escravo. Como resultado, a exploração vegetal, mineral e animal foi crescendo, impactando o desenvolvimento do país.

Devido ao processo de industrialização, a zona urbana tornou-se o palco das atividades econômicas. Novas indústrias e fábricas surgiram, intensificando as oportunidades de emprego. A urbanização ganhou força, levando muitas pessoas a migrar para as cidades. Enquanto isso, na zona rural, os moradores enfrentam muitas dificuldades para se manterem devido à modernização no campo e os fatores climáticos.

Enfim, com a modernização no campo, surgem novos desafios, especialmente a competitividade entre o pequeno agricultor e o agronegócio. Existe uma disputa por mercadorias, tanto em qualidade quanto em quantidade, relacionada ao tempo de produção. Ou seja, o proprietário que trabalha com grandes latifúndios tende a obter mais lucros devido à tecnologia aplicada nas terras e à alta demanda por plantações e exportações. Já o pequeno agricultor tende a se limitar a um pedaço de terra e, muitas vezes, não possui tecnologia avançada para competir com os grandes negócios. Como resultado, seu lucro é mínimo, apenas suficiente para sua própria subsistência.

A pesquisa teve como foco investigar os fatores que contribuíram para a migração das famílias camponesas da comunidade Logradouro. Com a crescente migração do campo para a cidade, é notória a intensificação do abandono da terra. Portanto, o objetivo principal é analisar o processo migratório da comunidade Logradouro e refletir sobre os desafios que os moradores da zona rural enfrentam para permanecer na comunidade. Para compreender esse objetivo geral, foi traçado alguns objetivos específicos tais como, descrever sobre a comunidade Logradouro e suas características; abordar uma análise sobre as migrações internas no Brasil, assim como, realizar e analisar o questionário com moradores e ex-moradores da comunidade; e refletir sobre a migração Campo-Cidade e o despovoamento do território.

O texto justifica-se pela necessidade de compreender as principais razões do processo de migração campo-cidade na comunidade Logradouro. Tem como relevância aborda a migração Campo-Cidade e os seus impactos na sociedade, inclusive refletir sobre a importância da valorização do campo. A metodologia de estudo do texto, trata-se de uma pesquisa

bibliografia sobre os autores da área; também foi realizado um estudo de campo na comunidade Logradouro e a aplicação de um questionário para os moradores e ex-moradores da comunidade Logradouro.

O texto foi elaborado como uma análise do contexto histórico das migrações no Brasil, com um enfoque específico para a comunidade Logradouro, localizada no município de Lagoa, Paraíba. A pesquisa combina uma fundamentação teórica com dados empíricos obtidos por meio de questionários aplicados a moradores e ex-moradores da área de estudo, permitindo uma compreensão detalhada das dinâmicas migratórias e seus impactos no território.

O questionário foi aplicado em duas modalidades. Para os ex-moradores, as perguntas foram disponibilizadas de forma online utilizando as redes sociais para alcançar aqueles que já saíram da comunidade e atualmente residem na cidade de Lagoa ou em outros locais. Já os moradores que permaneceram no Logradouro, responderam ao questionário de forma oral, com as perguntas previamente impressas. As respostas foram registradas com rigor metodológico, garantido privacidade e confiança.

No total participaram três moradores da comunidade entrevistados e dez ex-moradores. Apesar dos esforços em ampliar o número de entrevistados, algumas dificuldades foram enfrentadas, como a dispersão dos ex-moradores em diferentes municípios ou estados, o que limitou a amostragem.

A estrutura do texto é organizada em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma discussão teórica sobre o processo de migração interna no Brasil, considerando o período histórico do país. A análise se concentra em um ponto primordial: a migração do campo para a cidade(campo-cidade), que vem se intensificando ao longo do tempo.

No segundo, aborda-se a localização da comunidade, a apresentação do Logradouro e o contexto histórico, buscando analisar e refletir sobre a relação entre o rural e o urbano, destacando a comunidade Logradouro como o principal território a ser desenvolvido.

No terceiro capítulo, realiza-se uma análise dos questionários aplicados aos moradores e ex-moradores da comunidade Logradouro, analisando as perguntas mais interessantes. Esta seção reflete sobre o abandono do território e o desapego à terra, levantando uma reflexão sobre a importância da valorização do território para os moradores da comunidade.

Por fim, para compreender o processo de migração campo-cidade na comunidade Logradouro é preciso um breve relato histórico sobre os fluxos migratórios que ocorreram no país anteriormente, como será discutido adiante.

1 FATORES QUE IMPULSIONARAM A MIGRAÇÃO NO BRASIL NOS SÉCULOS XIX E XX

De acordo com Suess e Silva (2019, p. 2), “historicamente, desde que o Brasil iniciou seu processo de colonização, sua constituição deu-se sob as bases do colonialismo do patriarcado e do escravismo, sendo visto por seus colonizadores como uma terra exótica e tropical”. Deste modo é evidente que a colonização brasileira se deu sob formas de dominação, sobretudo política e militar, impondo leis sobre os povos nativos, nas quais exerceram um papel específico de controle social e na organização da sociedade, influenciando as dinâmicas econômicas que permeiam o Brasil contemporâneo, caracterizado por desigualdades estruturais e relações de poder enraizadas.

Deste modo, ao retomar a história do nosso país, é possível perceber que nos séculos XIX e XX, já existia um significativo fluxo migratório entre as diferentes áreas, com o objetivo de facilitar a exploração de novas terras.

Spix e Martius (1976, p.21), em suas viagens de expedição realizada entre 1817 a 1820, abordam as dinâmicas espaciais, econômica, política e social do país. Os autores destacam a atratividade da América, destacando sobretudo “[...] a fertilidade e diversidade de riquezas do seu solo, atraindo tanto colonos e negociantes, como pesquisadores científicos.” Fato este que justifica também a curiosidade por novos territórios, a qual chamou a atenção de pesquisadores, geógrafos franceses, holandeses, portugueses e entre outros que buscavam conhecimentos e territórios para explorar, na busca pelo sucesso em seus objetivos, dentre estes, lucratividade e riquezas.

Em contrapartida, os povos indígenas que já viviam nas terras brasileiras antes mesmo da chegada dos portugueses, começaram a ser tratados como escravos sendo “comandados pelos portugueses” e “os anseios dessas populações não eram levados em conta” (Suess e Silva, 2019, p. 2). Pois, o principal interesse dos colonizadores era o enriquecimento através das explorações nos territórios brasileiros.

Suess e Silva (2019), ainda destacam que os colonizadores:

Não satisfeitos com a exploração dos povos nativos [...] os negros surgiram como opção, [...] sua mão de obra foi saqueada por quase 400 anos sem uma preocupação mínima com a dignidade e humanidade dessas populações, direitos bases com alimentação, saúde, educação e moradia foram negados. (Suess e Silva, 2019, p. 2)

Com isso, o período da colonização foi marcado por grandes desigualdades (econômicas e sociais) e discriminação. Desse modo, Spix e Martius em suas observações, vão relatar que:

Quase que todas as semanas, ou cada mês do ano, seguem grandes caravanas, carregadas com os produtos da região: algodão, couros, marmelada, queijos, pedras preciosas, barras de ouro, etc., para a capital, e voltam, trazendo sal, vinho, chitas, panos, presuntos, espelhos, artigos de ferro, novos escravos para a exploração das minas de ouro e etc. (Spix e Martius, 1976, p. 181).

Assim sendo, as mercadorias passavam a ser transportadas de longas distâncias, os autores analisam as migrações de mercadorias que “vaivém” do Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais) para o Nordeste (Bahia e Pernambuco). Percebe-se que foi devido às migrações internas no país, que o Brasil passou por “grandes transformações demográficas, econômicas e sociais que refletiram na estrutura e no funcionamento da sociedade e de suas instituições sociais.” (Suess e Silva, 2019, p. 3)

Seguindo mais adiante na história do Brasil, e finalmente voltando mais a atenção para o meio urbano, nota-se que “o processo de industrialização e o crescimento da economia, a partir da década de 1950” (Suess e Silva, 2019, p. 3) novas fábricas (de bebidas, alimentos e têxtil) foram surgindo, ampliando o número de empregos, e como efeito o povoamento próximo às áreas industriais, resultando no processo de urbanização no Brasil.

Tal processo foi responsável pelas migrações internas, nas quais uma grande parcela de pessoas residentes na zona rural partiu em busca de melhores condições de vida para os grandes setores industriais (São Paulo e Rio de Janeiro, principais cidades receptoras), em busca de emprego, sendo esta a principal razão para esses movimentos migratórios.

Se faz necessário destacar que “a migração pode ser definida como uma mudança permanente de local de residência” (Golgher, 2004, p. 7), ou seja, é o fluxo de pessoas que saem de um lugar para outro, deixando para trás suas origens, vivências, culturas, territórios e, de modo geral, sua identidade, perdendo o sentimento de pertencente a uma determinada região, devido a necessidade de sair do seu território de vivência.

Já os movimentos migratórios internos podem ser entendidos como o fluxo de deslocamento populacional dentro do país. No cenário Brasileiro, os movimentos migratórios internos nos últimos 60 anos, estão fortemente relacionados aos processos de urbanização e de redistribuição espacial da população, marcados pela intensa mobilidade populacional, e inseridos nas distintas etapas econômicas, sociais e políticas experimentadas pelo país ao longo desse período. Tendo em vista o que vem sendo exposto neste diálogo, no subcapítulo seguinte

buscou-se compreender de maneira mais detalhada como ocorreu o processo de migração interna no Brasil.

1.1 O PROCESSO DE MIGRAÇÃO INTERNA NO BRASIL

Ao analisar a história da migração no Brasil, é preciso lembrar que, com o processo de colonização do território, iniciou-se um novo olhar, caracterizado pela constante busca de interesses nas terras encontradas. Desde a sua formação, o Brasil foi um território ocupado para exploração por aqueles que aqui chegaram, sendo os principais exploradores, os portugueses, espanhóis, franceses e holandeses.

Nesse contexto, Andrade (1978) declara:

A colonização e o povoamento do Brasil, iniciados na quarta década do século XVI, foram feitos visando o abastecimento do mercado europeu, por produtos tropicais e por metais, pretendendo Portugal obter vantagens econômicas como intermediário entre a sua colônia americana e aquele mercado. (Andrade, 1978, p. 31).

Apesar do Brasil possuir tantas riquezas, parte delas foram retiradas e investidas principalmente na Europa. Todas as atividades de extração da matéria-prima, eram impulsionadas pelo sistema capitalista que se desenvolveu mundialmente.

Diante de longos períodos de exploração da matéria-prima no Brasil, foi ampliando-se atividades econômicas crescentes de forma desigual (as plantações de grande escala) no objetivo de exportar produtos, como o café, cana de açúcar e algodão, além dos minerais (ouro e diamante).

No Nordeste, destacavam-se as plantações de cana-de-açúcar, café e algodão. “O café foi o último grande ciclo, e seu declínio marca uma maior diversificação não apenas da base da economia, mas principalmente da produção agropecuária” (Elesbão, 2007, p. 49). Apesar das intensas atividades econômicas no país, o Brasil já enfrentava problemas econômicos, e com o surgimento de pragas nas plantações, houve uma queda nas exportações de produtos, resultando em uma crise que afetou ainda mais as atividades econômicas do país.

Elesbão (2007, p. 50) ainda ressaltou que:

Devido à crise, ocorreu uma grande diminuição na receita das exportações e conseqüentemente uma redução da capacidade de importação, fazendo com que o governo adotasse medidas para defender o mercado interno, o que favoreceu a industrialização. (Elesbão, 2007, p. 50)

Devido ao avanço da industrialização, as migrações internas foram aumentando e a densidade demográfica nas áreas industriais se ampliaram. Andrade (2010, p. 8) por sua vez, expõe que “até meados do século XX havia uma grande diferença e uma distância específica entre o meio rural e o urbano”. Nessa época o número de pessoas nas cidades acabou ultrapassando o número da população rural.

No séc. XX o país estava passando por grandes transformações, processo de urbanização (as cidades estavam crescendo e se desenvolvendo) intensificando-se, as indústrias foram se desenvolvendo principalmente na região Sudeste, obtendo ao longo do tempo um fluxo comercial muito maior entre as cidades de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Por essa razão, o desenvolvimento urbano era ainda mais intenso nesses centros comerciais.

Enquanto isso, no campo, os camponeses viviam da agricultura familiar, na qual trabalhavam para sua própria subsistência. Contudo, muitas vezes eram subordinados aos grandes proprietários, os chamados arrendatários, devido a obrigatoriedade de dividir seus lucros em virtude do processo de arrendamento de terras, onde uma parte da produção obrigatoriamente pertencer ao proprietário das terras utilizadas para o plantio. Além disso, os novos métodos de plantações implicaram grandes investimentos da parte do camponês. Assim sendo, “a falta de investimentos na área agrícola faz com que o agricultor desanime diante dos consideráveis problemas que tem de enfrentar sem receber subsídios do governo” (Fonseca *et al.*, 2015, p. 236).

Todavia, Elesbão (2007, p. 54) destaca ainda que “ao analisar a relação entre a população rural e urbana ao longo do século XX, verifica-se que até 1960 a maioria da população era rural, mas essa relação se inverteu durante a década de 60; em 1970, a população urbana já representava 55,9%”. Essa mudança ocorreu devido às transformações econômicas e políticas que ocorreram no país. De acordo com Elesbão (2007, p. 54), “de 1960 para 1970, a população urbana cresceu 66,4%, enquanto a rural aumentou apenas 5,9%. No entanto, a diferença mais significativa ocorreu entre os anos de 1970 e 1980, quando a população urbana aumentou 54,4% e a rural diminuiu 6,1%.

É nesse período que se ampliou o movimento que chamamos de êxodo rural, que consistia em uma grande massa de pessoas que deixavam suas comunidades em direção à zona urbana. Com a abertura de fábricas, indústrias e comércios, houve um aumento na oferta de trabalho. Deste modo, o êxodo rural, foi resultado de intensas migrações, tanto pelo desenvolvimento na zona rural, onde os pequenos agricultores não conseguiram fixar-se no campo, quanto devido ao avanço da tecnologia, com a introdução das máquinas no meio de

produção, já não havia a necessidade de tanta mão de obra, por fim, muitos camponeses acabavam migrando para a cidade.

Por conseguinte, os principais serviços ficaram concentrados nas cidades, favorecendo a oferta de emprego, no setor comercial, da saúde e da educação. Porém a transformação de vida que os camponeses sofreram devido às migrações é marcada por desafios, já que grande parte se concentrava nas áreas periféricas (distante dos centros comerciais) sendo privados de muitos benefícios que a cidade proporciona. Essa má distribuição entre a população é resultado das desigualdades existentes desde o período colonial.

A zona urbana tornou-se uma área manipulada pela elite, e as pessoas com melhor qualidade de vida, são os que têm renda para ampliá-las como ambicionam. E a estrutura das cidades é moldada de acordo com os anseios da elite (as pessoas com poder público e econômico).

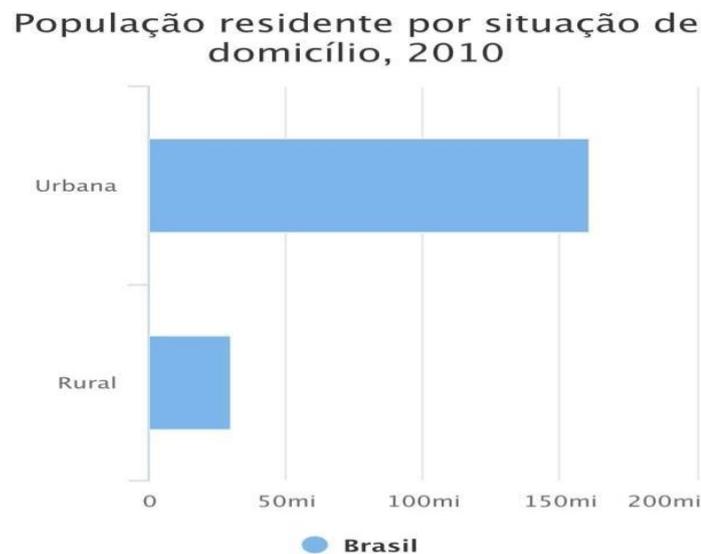
Como bem elucida Harvey (1967):

O direito à cidade como hoje existe, como se constitui atualmente, encontra-se muito mais estreitamente confinado, na maior parte dos casos, nas mãos de uma pequena elite política e econômica com condições de moldar a cidade cada vez mais segundo suas necessidades particulares e seus mais profundos desejos.” (David Harvey, 1967 p.63)

Neste contexto, a qualidade de vida refere-se a uma boa alimentação, vivenciar um ambiente tranquilo e confortável, uma área de lazer adequada e momentos de descanso, além de cuidados com a saúde física e mental. Porém, a zona urbana oferece muitos benefícios para as pessoas que podem investir, como por exemplo, plano de saúde particular, educação privatizada, além de condomínios de luxo fechados que oferecem conforto e segurança. Porém nem toda parcela da sociedade está enquadrada neste padrão de vida. No entanto, esse é o objetivo de qualquer cidadão, buscar sempre benefícios para sua vida, mesmo que não venha obtê-la em sua totalidade.

Ao analisar o gráfico 1, é possível perceber que nos anos 2000 a população urbana era significativamente maior, enquanto na zona rural o número de pessoas começou a diminuir devido ao fluxo migratório. A diferença entre a população rural e urbana no ano de 2010, demonstra que houve grande transformação no país, tendo em vista a grande taxa de pessoas vivendo nas cidades do que nas comunidades rurais.

Gráfico 1 - População Urbana/Rural no Brasil em 2010



Fonte: Censo Demográfico IBGE.

Um dos grandes problemas que afetam a migração das pessoas em direção às cidades é o processo de produção nas terras, as grandes plantações (latifúndios) que visam sempre o lucro, e buscam produzir mais, trabalhando com novos métodos (mecanização: máquinas e tecnologias) de plantio, equipamentos de supervisão de plantio como os drones, avanços no meios de irrigação, bem como, investimentos em fertilizantes e sementes transgênicas que apesar de auxiliar no aumento da produção e otimizar o cuidado com o plantio, podem provocar danos ao meio ambiente e à saúde humana.

Todas essas mudanças têm transformado o meio de produção rural brasileiro, no qual o pequeno agricultor não possui renda suficiente para investir em equipamentos, isso, dificulta acompanhar a transformação do território em relação à produção de alimentos, impactando diretamente a vida dos camponeses e moradores. [...] “Enquanto para o campesinato, a terra é lugar de produção e moradia, para o agronegócio, a terra é somente lugar de produção” (Fernandes, p. 48). A maior parte dos moradores rurais perdem seus lares e seu território para as grandes plantações de terras (latifúndios). Assim, as opções que surgem são lutar pelas terras ou abandonar a região.

Segundo Andrade (1978):

Daí a restrição, cada vez maior, da posse e uso da terra pelos agricultores pobres e a intensificação da migração rural-urbana, criando problemas nas cidades grandes e médias e a intensificação da implantação do modo de produção capitalista, fornecendo

ao trabalhador rural um salário nominal mais elevado, mas um salário real e uma qualidade de vida inferiores aos antes desfrutados. Dai também as medidas governamentais de assistência e de previdência social tentando atenuar a proletarização e o empobrecimento da população rural (Andrade, 1978, p. 41).

O autor é claro ao abordar o avanço da migração do campo para a cidade, o sistema capitalista favorece o abandono da zona rural devido ao avanço do consumismo e às ofertas de emprego, que conseqüentemente, implicam em uma longa carga horária de trabalho e geram maior dependência na cidade. Assim como ocorre na comunidade Logradouro (objeto de estudo da pesquisa), os camponeses deixam o campo em busca de uma vida melhor, como moradia e alimentação acessível na cidade, a zona rural vai sendo esquecida e deixada para trás.

Além disso, o mesmo chama atenção para a “proletarização que trouxe o empobrecimento da população rural”. Essa afirmação traz uma reflexão sobre outro fato que ocorre no campo. Muitos camponeses não possuem a apropriação da terra, a opção é, portanto, usar sua força de trabalho e assegurar uma renda. Muitas vezes os salários são baixos, auxiliando no endividamento, e dificultando ainda mais a vida camponesa. Por esta razão, muitos veem a necessidade de buscar emprego na cidade.

Assim, após essa grande mudança (campo-cidade), pessoas têm seu cotidiano voltado para o sistema capitalista (trabalho, renda, consumo). Por isso, Andrade (1986) ressalta “a inferioridade da qualidade de vida nas cidades”. Ou seja, as pessoas que migram para a zona urbana perdem o direito de vivenciar um lugar tranquilo e uma alimentação saudável, passando a viver em um dia a dia acelerado, em ambientes mais agitados, e os produtos industrializados se tornam parte da alimentação diária.

No entanto, os interesses do desenvolvimento do capital que atingiu o campo privilegiaram áreas e regiões em detrimento de outras (Elias, 2006), o Nordeste foi uma das regiões que teve retração de investimentos e a conseqüente retração da sua produção no campo. Na comunidade Logradouro, objeto da pesquisa, não foi diferente, soma-se nesse caso a questão da escassez de água dessa região nordestina. A seca, como fator mais intenso, ou seja, sem o acesso a água os moradores tendem a ter dificuldade na sua vida cotidiana, pois tanto o consumo, quanto às lavouras necessitam da disponibilidade da água. Assim também como o avanço de doenças nas lavouras e a modernização da agropecuária (novos equipamentos, mas sem renda para investir) tornam-se desafios para que os camponeses consigam se fixar na zona rural.

No Gráfico 1, mostra que o número de pessoas na zona urbana cresceu significativamente entre os anos 2000 a 2010, ultrapassando o número da população rural no Brasil. Mediante isso, temos dois grandes problemas atuais em nossa sociedade. De um lado o

campo está sendo esvaziado de pessoas, deixando de ser espaço de vida para ser espaço apenas de produção ou de lazer, de descanso. Cada vez mais se vê casas fechadas no campo, onde as pessoas vão apenas passar o fim de semana e feriados. Por outro lado, na cidade ocorre um intenso e desordenado processo de urbanização, gerando a superpopulação das cidades e com ela seus consequentes problemas: favelização, desemprego, violência e criminalidade, aumento do custo de vida e tantos outros.

1.2 O CAMPONÊS E OS DESAFIOS DA MIGRAÇÃO CAMPO-CIDADE

A vida camponesa oferece qualidade de vida e grandes benefícios, como por exemplo uma alimentação de qualidade, garante um lugar adequado para viver com tranquilidade, além da baixa taxa de poluição que torna a área mais benéfica para vivenciar (resultando em menos doenças e mais saúde). A zona rural brasileira possui duas atividades intensas: o agronegócio, que são as grandes plantações voltadas ao capitalismo, buscando o crescimento da produção e o aumento do lucro. E o campesinato, refere-se a grupos de base familiar que trabalham em atividades agrícolas e buscam o desenvolvimento e melhorias para o campo.

Com isso, muitos conflitos existentes acontecem entre esses dois grupos sociais. Por um lado, os camponeses lutam por uma vida melhor no campo, é dessa forma que surgem os movimentos sociais. Como é o caso do MST (Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) que lutam pela reforma agrária (melhor distribuição de terras para os trabalhadores rurais e o crescimento da produção, de acordo com lei nº 4.504/64 do Estatuto da Terra) e o acesso à terra. "A ação dos movimentos sociais (MST) na atualidade tem como objetivo lutar pela [...] ocupação de terras susceptíveis à reforma agrária por serem improdutivas, não cumprirem a função social ou então por terem documentação falsa (griladas)" com isso, "essas ações forçam o Estado brasileiro a dar respostas com a criação de assentamentos." (Girardi, 2019, p.130), além da busca pelo território e a conquista das moradias, "os movimentos sociais realizam vários tipos de manifestações para exigir outros elementos além do acesso à terra, como melhores condições de permanência na terra, crédito, infraestrutura, educação e saúde." (Girardi, 2019, p.131). Por outro lado, o agronegócio continua na busca pelo lucro, sem priorizar o meio de vida do camponês e a qualidade da alimentação.

Diante disso, Fernandes (2014) vai ressaltar que o campesinato se concentra em uma pequena parcela de terras para distribuir com muitos camponeses, enquanto que no agronegócio ocorre o inverso:

O Brasil agrário é paradoxal porque 74% dos agricultores recebem somente 15% do crédito agrícola, possuem apenas 24% da área agricultável, mas produz 38% do valor bruto. É pouca terra e muita gente que recebe pouco crédito e divide o resto da riqueza

produzida, ou seja, a parte que o capital permitiu que ficasse com o campesinato. Do outro lado, o agronegócio fica com 85% do crédito agrícola, controla 76% da área agricultável, produz 62% do valor bruto e emprega cerca de 26% das pessoas. É muita terra e pouca gente para ficar com a maior parte dos recursos empregados na agropecuária e com a riqueza produzida e que fica também com parte da riqueza produzida pelo campesinato, por meio da renda capitalizada da terra, pois é o agronegócio que comercializa a maior parte da produção camponesa. (Fernandes, 2014, p. 49)

Com a má distribuição das terras, e a maior parte do lucro pertencendo ao agronegócio, ocorre uma “desigualdade existente entre a classe camponesa em que 2 milhões de famílias, embora contribua com a produção de 38% do valor bruto, têm uma renda mensal em torno de 15 dólares e são obrigados a viver de ajuda governamental.” (Fernandes, 2014, p.49).

Contudo, as migrações realizadas do campo para cidade, são provocadas por vários fatores, como por exemplo, a escassez hídrica no território, a busca por emprego, o fechamento das escolas na comunidade rural e a acessibilidade aos comércios, além das saídas forçadas, ou seja, muitos camponeses que nutrem um sentimento de amor pela zona rural tendem a migrar devido às várias circunstâncias, principalmente, por não conseguirem instabilidade financeira na comunidade. Tendo em vista tudo que já foi exposto percebe-se que o fluxo de migração da zona rural para a urbana, perdurou por um longo período de tempo e trouxe grandes impactos para ambas as áreas.

É notório que as pessoas passaram a priorizar principalmente a zona urbana, pois acreditam que morar em zona urbana proporciona uma estrutura de vida mais estável, facilitando o convívio social. Porém nem todo o suporte das atividades econômicas, a saúde, a educação, o acesso ao comércio e aos outros estabelecimentos das cidades são garantidos para todos. Acerca dessa questão, David (2014 p. 46) afirma que “a qualidade da vida urbana tornou-se uma mercadoria para os que têm dinheiro”, ou seja, para conseguir uma moradia tranquila e segura é preciso ter renda para bancar um condomínio por exemplo, que tem todo o suporte necessário para o consumidor (fator da segregação social), assim também como, quem precisa de um plano de saúde adequado é preciso ter dinheiro, tanto para uma consulta médica, ir ao dentista, nutricionista, ortopedista, cardiologista, pediatra e muitos outros profissionais que são necessários para garantir saúde e bem estar ao indivíduo, possuem um alto custo que não condiz com a realidade socioeconômica de grande parte da população brasileira, por essa razão, a fila e listas de espera nos sistemas de saúde pública é extensa.

Em relação à alimentação da população urbana não é diferente, os preços dos produtos estão cada vez mais altos, os camponeses que chegam nas cidades passam por um processo de mudança de vida, pois o seu trabalho executado é que vai garantir a sua subsistência. Se o

emprego for de baixo custo (que na maioria das vezes ocorre), é preciso economizar e priorizar o produto mais barato e muitas vezes de baixa qualidade, enquanto que no campo a sua alimentação era de qualidade. Esses fatores são a realidade do resultado das migrações dos camponeses, que saíram do campo para a cidade.

Frente a isto, a expressão "migração campo-cidade", refere-se a sair da zona rural para a cidade, muitas dessas pessoas não encontram o suporte que anseiam (emprego, moradia, instabilidade financeira), com isso, passam a buscar trabalhos informais, mesmo com salários baixos, para sobreviver. “o direito à cidade vem caindo nas mãos de interesses privados ou quase privados” (David, 2014, p.62)

Neste sentido, a falta de infraestrutura, saneamento básico, lacunas em relação a saúde e na educação, são fatores dessas áreas desprovidas de investimentos e irão afetar diretamente os camponeses que migraram. “É um mundo em que a ética neoliberal do intenso individualismo, que quer tudo para si, pode transformar-se em um modelo de socialização da personalidade humana [...]” (David, 2014, p. 47)

É neste contexto, no qual David vai ressaltar que a zona urbana e as cidades foram sendo criadas através de interesse das elites políticas e econômicas de acordo com as suas necessidades, ou seja, isso quer dizer que o poder aquisitivo de muitas pessoas fazem com que a cidade seja transformada naquilo que almejam, várias áreas como condomínios privados, áreas de lazer, campos de golfe, parques, centros comerciais (shopping), são exemplos que a cidade vai sendo planejada com interesses envolvidos.

David diz que:

Os resultados dessa crescente polarização na distribuição de riqueza e poder estão indelevelmente inscritos nas formas espaciais de nossas cidades, que cada vez mais se transformam em cidades de fragmentos fortificados, de comunidades muradas e de espaços públicos mantidos sob vigilância constante. (David, 2014, p. 48).

Com isso, “[...] são os pobres, os desprivilegiados e marginalizados do poder político que sofrem mais que quaisquer outros com esse processo.” (David, 2014, p. 50).

As construções de uma nova paisagem planejada, foram surgindo de acordo com os interesses de uma sociedade com grande poder aquisitivo que toma posse dos territórios centrais da zona urbana e formulam um novo aspecto para a cidade.

A classe baixa (indivíduos com trabalhos informais e de baixo poder aquisitivo em relação a outras) foi bastante impactada, pois muitas pessoas que viviam nessas áreas de transformação urbana, tiveram que migrar para áreas periféricas da cidade, ou seja, recebiam

uma mínima parcela para sua retirada e fixava em áreas distantes da cidade sendo totalmente impactada pela desigualdade territorial, enquanto a elite sempre dominando o centro da zona urbana, movidos por um sistema capitalista individualista privatizando várias áreas, que dá acesso somente a quem tem o poder aquisitivo alto, dinheiro suficiente para vivenciar essas novas áreas segregadas. David vai exemplificar as favelas do Rio de Janeiro como umas das áreas afetadas.

Assim;

[...] o problema é que os pobres, atormentados pela escassez de seus rendimentos e pelas consequentes dificuldades financeiras, são facilmente convencidos a vender esses bens a preços relativamente baixos (os ricos geralmente se recusam a desfazer-se de suas propriedades valiosas a qualquer preço.) [...] Aposto que, se as tendências atuais prevaleceram, em quinze anos todos aqueles morros ocupados por favelas estarão repletos de condomínios arranha-céus com vistas deslumbrantes para a Baía de Guanabara, enquanto os antigos favelados estarão morando em alguma periferia distante. (David, 2014, p. 56).

É notável que no campo prevaleçam muitos desafios para o camponês, tanto que reflete na sua saída em busca de uma melhor qualidade de vida na zona urbana, no entanto, o processo de migração é uma fase difícil, podendo encontrar variados problemas também nas cidades, por haver o processo de individualismo, quem tem mais dinheiro consegue ter uma vida de qualidade melhor, enquanto outros que não têm renda vivem na precariedade, praticamente em áreas distante do centro da cidade, e dificilmente se apropriam de seus benefícios, que deveriam ser para todos.

Porém, existem casos específicos, entre os camponeses que migraram para a zona urbana, que com a ajuda de familiares ou amigos, encontra um emprego e conseguem fixar-se na cidade, como ocorreu em vários casos na comunidade Logradouro, diante da pesquisa realizada.

Se compararmos o campo com a cidade, a relação entre eles é a troca de produtos, serviços e vivências, que circulam e se desenvolvem em ambas as áreas. Na zona urbana as máquinas utilizadas para a agricultura, são fabricadas nas indústrias e levadas para o campo para auxiliar na produção de alimentos. Assim também como a matéria prima é industrializada nas cidades, mas vale ressaltar também, que é possível encontrar várias indústrias (de alimentos por exemplo) na zona rural.

Portanto, é preciso analisar que o campo não deve ser um território esquecido e nem desvalorizado, existe, portanto, uma ligação entre o campo e a cidade que não pode ser rompida; trata-se de uma inter-relação em que uma depende da outra para garantir o funcionamento do

meio de vida no país. Pois na zona rural não consiste somente da produção da alimentação consumida pelo país.

Mas, o campo é sobretudo um lugar de vivência, que reflete em sua paisagem a história da comunidade, muitos camponeses permanecem vivendo nas áreas rurais, sentindo-se pertencente ao território em conexão com a natureza e não pretendem mudar seu modo de vida do campo. Porém a maior parte da população do Logradouro já saiu da comunidade. A partir da pesquisa realizada, é possível destacar a intensa migração da zona rural para a cidade, descrevendo os principais motivos que impulsionam essas mudanças. Fatores como a seca já mencionada e a busca por melhores condições de vida, impulsionaram esses deslocamentos.

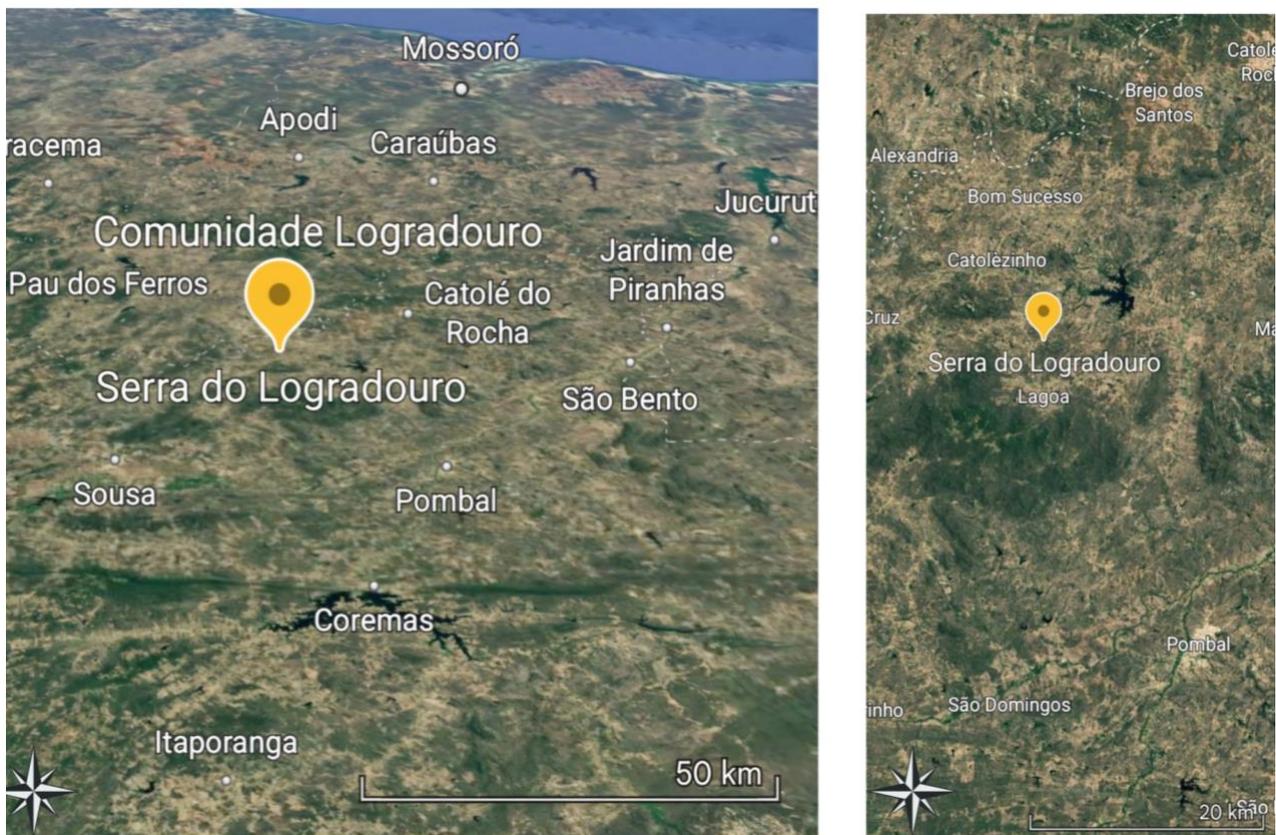
Diante desse problema, percebemos que a comunidade Logradouro tem vivido grandes desafios, um fluxo populacional saindo do campo para a cidade (seja estas cidades na Paraíba ou em outros estados brasileiros), esquecendo o seu lugar de origem e desvalorizado o território. Como iremos apresentar no próximo capítulo a comunidade Logradouro já foi um lugar que concentrava muitas famílias ativas. Mas, atualmente a situação é complexa e contraditória. Poucas foram as famílias que resistiram e ainda vivem na comunidade.

2. CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE LOGRADOURO:

De acordo com o que já foi abordado, diversas áreas camponesas tem sido impactadas pelo processo de migração campo-cidade, diante disso, a comunidade Logradouro também está sendo afetada. Adiante será abordado sobre as características da comunidade Logradouro e os desafios que os moradores desta área enfrentam.

Figura 1 - Localização da comunidade Logradouro através do Google Earth

Localização da comunidade Logradouro



Fonte: Plataforma Google Earth (2024)

A comunidade Logradouro está localizada na zona rural, do município de Lagoa, situada no sertão paraibano, está entre os municípios de Bom Sucesso, Catolé do Rocha, Jericó e Lagoa. No mapa acima, é possível visualizar a comunidade Logradouro a partir do ponto de referência, a Serra do Logradouro. A comunidade Logradouro foi marcada pelo processo de migração de sua população para a cidade, atualmente, encontra-se quase desabitada, restando poucas famílias residentes no local, de acordo com os relatos históricos.

Segundo o morador mais antigo, a comunidade do Logradouro foi formada por moradores do município de Lagoa-PB, entre os anos 1970 e 1980.

Na época, uma família deixou a cidade, então em processo de urbanização, em busca de novas terras para plantações nas proximidades. Nessas terras, onde hoje é o Logradouro, que por meio do processo de ocupação e cultivo, iniciou-se o processo de estruturação de uma comunidade, já que até então a área era desabitada. A localidade foi nomeada de Logradouro pela família pioneira, termo que para eles remetia a um “lugar de lograr” ou de plantio. Com o passar do tempo, o local consolidou-se como um espaço de convivência, atraindo outras famílias que vieram estabelecer-se na mesma região.

Segundo relatos, o desenvolvimento da comunidade ocorreu em meio a dificuldades. Primeiramente, devido à distância entre as cidades, os moradores precisavam se deslocar a cavalo, de jumento, ou até mesmo a pé, o que tornava essas viagens exaustivas. Por essa razão, muitos evitaram sair da localidade, permanecendo a maior parte do tempo dentro do território. Outro desafio encontrado foi a presença de animais silvestres, como guarás, lobos e até onças, que ocasionalmente apareciam na região, representando uma ameaça e desencorajando a circulação principalmente à noite. Apesar dos obstáculos, a comunidade continuou a se expandir e consolidar sua vivência no território. Em 1990, havia cerca de 16 famílias na comunidade, dedicando-se à agricultura e à pecuária, uma vez que o município de Lagoa-PB, na época, não dispunha de uma feira livre que pudesse favorecer a economia local.

Durante esse período, a educação na comunidade era realizada em domicílio; as mulheres assumiram a responsabilidade de alfabetizar as crianças. Os relatos indicam que, apesar das dificuldades enfrentadas, a vida no campo era considerada tranquila e serena, apesar da longa jornada de trabalho, as noites eram frias e de descanso. A alimentação era simples e baseada em produtos locais, como feijão, farinha de mandioca, batata, galinha caipira, além de uma variedade de frutas e verduras.

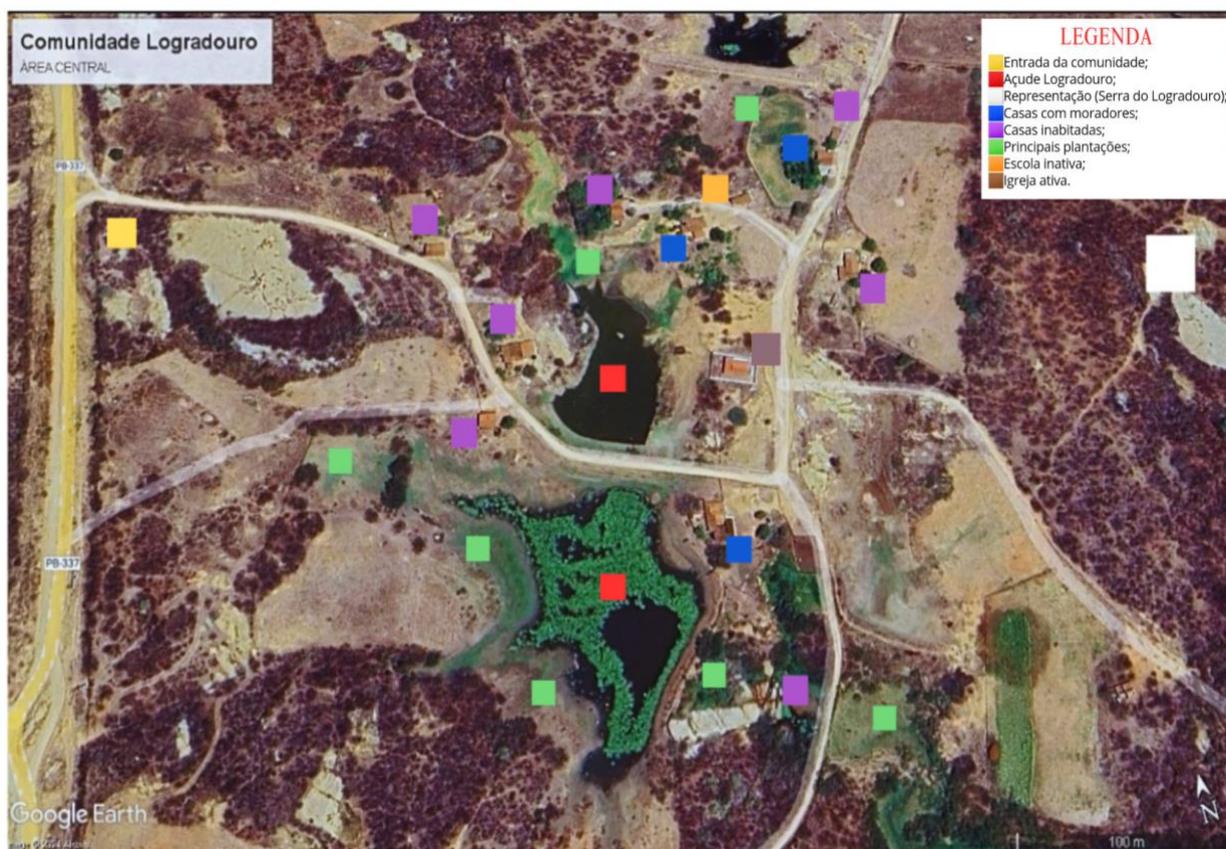
Em 2005, o trabalho no local permanecia intenso, com a agricultura e a pecuária ainda sendo as principais atividades econômicas, como desde o início da ocupação. Todos os membros da família participavam das tarefas diárias, embora, entre parte dos moradores, houvesse um desejo de conquistar um estilo de vida diferente. Esse desejo levou muitos jovens a deixarem o trabalho no campo para se dedicar aos estudos, em busca de melhores oportunidades no futuro. As mulheres tradicionalmente responsáveis pelas atividades domésticas, cuidavam do lar e, em várias ocasiões, auxiliavam o marido no trabalho rural.

Entre os anos de 2002 e 2019, o fluxo migratório se intensificou, pois, a cidade de Lagoa-PB atraiu muitos camponeses com novas oportunidades de emprego.

Atualmente, na comunidade Logradouro residem apenas 3 famílias, que se encontram centradas na proximidade do açude. A primeira família é composta por um casal de idosos. A segunda família também consiste em um casal de idosos, cujos filhos residem na zona urbana. Por fim, a terceira família é formada por um casal e sua filha, que está matriculada em uma escola pública no município de Lagoa-PB.

A imagem de satélite da figura 2 ilustra a área de estudo desta pesquisa. Na imagem destaca, por meio de diferentes cores, as características da comunidade Logradouro. Observa-se o encontro de quatro estradas, formando um cruzamento, interligando as cidades próximas, com destaque para a conexão com Lagoa-PB.

FIGURA 2 - Área do Logradouro através do Google Earth



Fonte: Plataforma Google Earth (2024).

O território está localizado a cerca de 5 km do município de Lagoa - PB. Como é possível observar no mapa 2, a cor vermelha representa o açude do Logradouro, como sendo a principal fonte de água da comunidade, tanto para o uso consumo dos moradores que ainda vivem nas terras, quanto para as atividades agrícolas, o açude abastece somente a comunidade Logradouro. Próximo ao açude, encontramos as principais plantações dos moradores da

comunidade, demarcado pela cor verde no mapa, por ser uma área do terreno mais acessível à água.

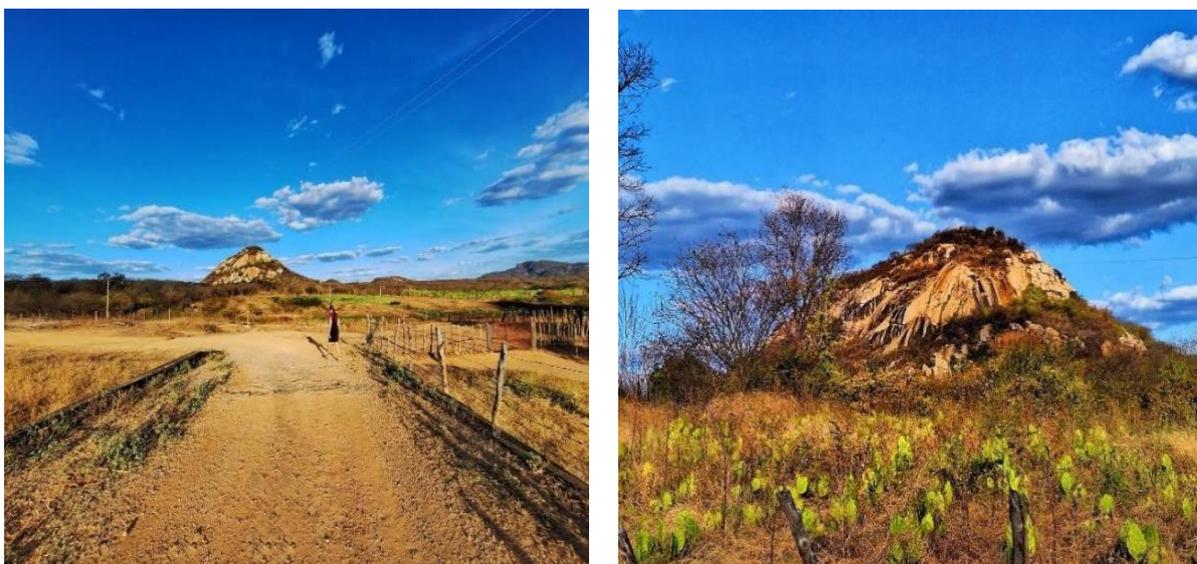
Figura 3 - Igreja da comunidade



Fonte: Acervo pessoal

Na imagem acima, observa-se Igreja Evangélica, representada pela cor marrom no mapa da figura 3, a qual atualmente realiza atividades uma vez por semana. Segundo relato dos moradores, a igreja passa por reformas anuais para assegurar a continuidade de funcionamento,

Figura 4 - Entrada do Logradouro e Serra do Logradouro

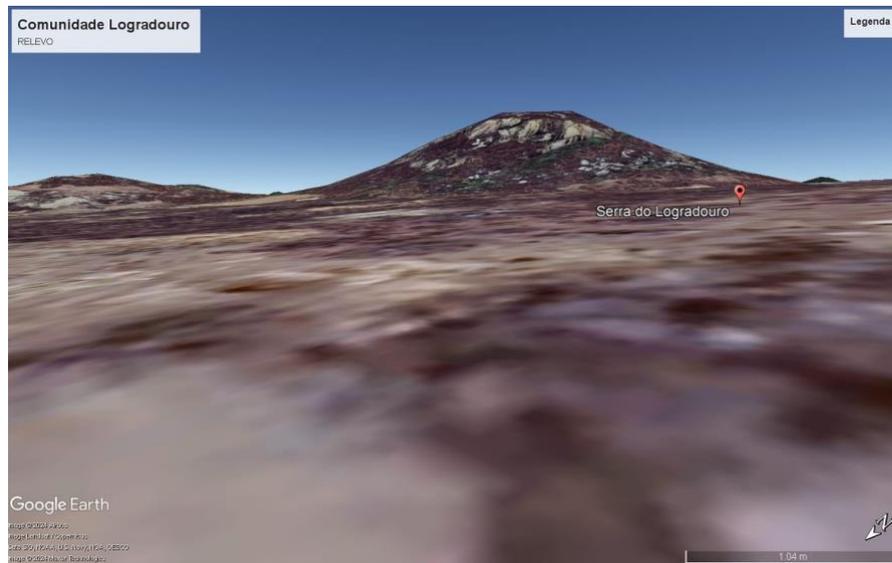


Fonte: Acervo pessoal

Na figura 4, representa a entrada da comunidade, com vista para a Serra do Logradouro. Esta entrada inclui uma ponte sobre o açude Logradouro, o qual será abordado em detalhes posteriormente. É importante notar, que, à esquerda da entrada, o caminho conduz ao centro da

comunidade Logradouro. Na imagem ao lado, a Serra do Logradouro é exibida sob um ângulo diferente e com maior aproximação permitindo uma melhor visualização. A Serra do Logradouro constitui o principal ponto de referência geográfica da comunidade.

Figura 5- Representação do relevo na comunidade Logradouro



Fonte: Plataforma Google Earth (2024).

O relevo da comunidade conforme ilustrado na figura 5 é caracterizado por áreas de altitude, com destaque para a Serra do Logradouro, a qual constitui a maior área de elevação no local. Nas áreas rebaixadas do relevo, são realizadas atividades de cultivo agrícola, devido à proximidade com fontes de água, porém essas águas tendem a baixar no período de estiagem.

De acordo com os moradores da comunidade, a insuficiência hídrica, especialmente durante o período de estiagem, representa o maior desafio para os que dependem da agricultura como a principal fonte de sustento.

Figura 6- Representação da seca na comunidade



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A figura 6 ilustra os impactos da seca na comunidade, especialmente entre os meses de agosto e dezembro, período caracterizado pela estiagem prolongada e pela redução significativa do nível de água. Como consequência, observa-se o esgotamento de grande parte do açude durante os meses mais quentes, a perda da vegetação, a diminuição das atividades agrícolas e, de forma mais acentuada, o registro de elevado número de morte de animais, com destaque para bovinos.

Figura 7 - Açude do Logradouro



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A figura 7 apresenta a paisagem atual da comunidade, destacando, à esquerda, parte do açude do Logradouro. Segundo relatos dos moradores, o açude já abrigou peixes; contudo, ao longo do tempo, essa quantidade tem diminuído gradativamente. Além disso, é comum observar aves utilizando as águas do açude para se refrescar.

Localizado dentro do território da comunidade, o açude do Logradouro representa a principal fonte hídrica da região. Durante os períodos de seca, quando o volume de água reduz significativamente, os moradores recorrem a fontes alternativas, como poços, cisternas ou até mesmo à compra de água. Cabe ressaltar que, nos últimos anos, a gravidade desse problema tem sido atenuada, especialmente pelo uso de bombas hidráulicas que garantem o abastecimento de água nas residências.

Figura 8- Casa com morador no Logradouro



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A imagem apresentada retrata uma das residências construídas em áreas estrategicamente selecionadas, priorizando a proximidade com fontes de água e a presença de terrenos planos, que contribuem para a melhoria das condições de vida da família local.

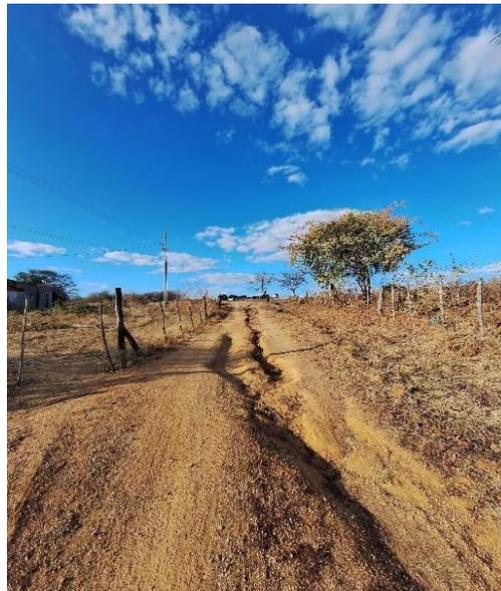
Diante da afirmação, Jatobá e Lucivânio (1998) afirmam que “nas zonas de fraca permeabilidade, o escoamento superficial fica compreendido entre 90 e 60% do escoamento total. Essas zonas normalmente estão representadas por rochas cristalinas decompostas ou fraturadas, arenitos e calcários.” Assim ocorre na comunidade Logradouro, devido ao solo ser formado por rochas cristalinas, as águas tendem a escoar para áreas mais baixas, segundo os moradores, isso representa um problema, pois ocorre o alagamento nas plantações em áreas rebaixadas ou pode haver escassez de água em áreas mais altas e rochosas. A Serra Logradouro

é a parte da comunidade que é possível verificar sua formação rochosa, como está representada na figura 4.

A vegetação predominante na região é a caatinga, destacando espécies como o juazeiro, o xique-xique, o cajueiro e a mangueira. Além disso, os moradores realizam atividades agrícolas, com destaque para milho, feijão, abóbora, batata, gergelim e algodão, que confirmam entre as principais culturas no Logradouro.

A economia das famílias que ainda residem na comunidade é baseada majoritariamente na agricultura, da qual os moradores retiram o sustento alimentar e garantem sua subsistência. A pecuária também desempenha um papel relevante, com ênfase na criação de no e bovinos, suínos e caprinos. Adicionalmente, alguns dos moradores se dedicam à avicultura, comercializando ovos de galinha como fonte complementar da renda.

Figura 9- Aspectos das estradas na comunidade Logradouro



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A figura 9 ilustra as condições das estradas da comunidade e os processos erosivos que ocorrem durante o período chuvoso, conhecido como voçorocas, acerca desse termo, Jatobá e Lucivânio (1998) enfatizam que “a voçoroca constitui a maximização dos processos erosivos proporcionados pelo escoamento superficial”, ou seja, é resultado da erosão no solo devido ao escoamento das águas na estação chuvosa.

Apesar da distância de 5km entre a comunidade Logradouro e o município de Lagoa-PB, a ausência de pavimentação das estradas contribuem para o aumento do tempo de deslocamento e o desgaste dos veículos, agravando-se ainda mais durante o período de chuva. Contudo, a falta de segurança no trajeto torna as viagens arriscadas, especialmente, devido a ocorrência de assaltos registrados na região, próximo à divisa com o Rio Grande do Norte. Um

dos principais fatores que impulsionam a migração das famílias locais é a busca por oportunidades de uma educação melhor para os filhos e por ofertas de emprego na zona urbana. Esse movimento migratório resultou em um fluxo contínuo de pessoas do campo para a cidade, intensificado especialmente entre os anos de 2002 e 2019, período em que muitas famílias deixaram a comunidade rural para se estabelecer em áreas urbanas.

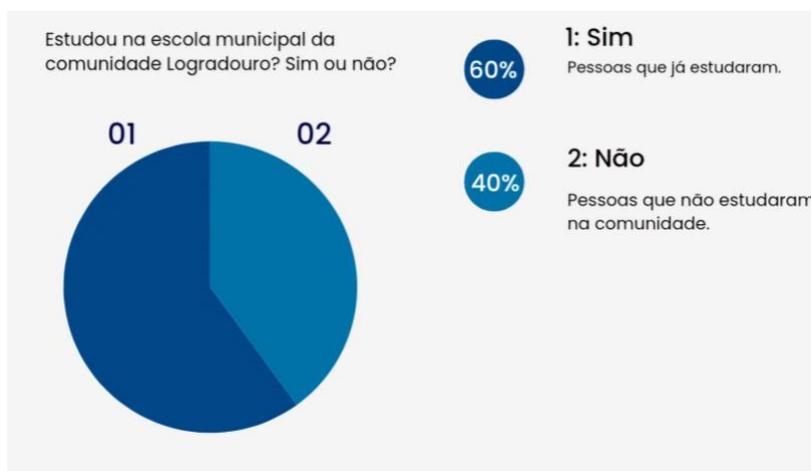
2.1 OS DESAFIOS DA COMUNIDADE LOGRADOURO E O PROCESSO MIGRATORIO PARA LAGOA-PB

Observa-se uma forte conexão entre a comunidade Logradouro e a cidade de Lagoa-PB, especialmente devido à proximidade geográfica. Essa relação tem gerado um fluxo migratório interno no município, no qual algumas pessoas se deslocam para o campo com o objetivo de praticar atividades agrícolas, enquanto outras migram para a zona urbana em busca de oportunidade de emprego.

As pessoas que deixaram o Logradouro para se estabelecer em Lagoa, conseguiram estabilizar suas vidas, conquistando emprego, uma residência fixa e adaptando-se ao estilo de vida urbana. Com o passar do tempo, a necessidade de retornar ao campo foi gradualmente diminuindo para essas famílias.

Os dados coletados apontam que a maioria dos ex-moradores do Logradouro não expressam o desejo de retornar ao local onde anteriormente residiam. No gráfico seguinte apresenta as respostas dos ex-moradores, sobre questionamentos elaborados com o objetivo de compreender a relação de pertencimento que mantém com a atual comunidade Logradouro.

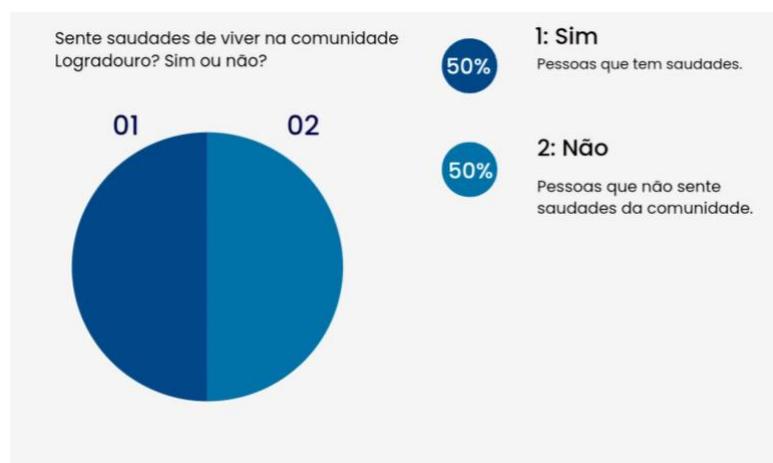
Gráfico 2 - Questionário para ex-morador (perguntas fechadas)



Fonte: Pesquisa de campo. Org. da autora.

O gráfico 2 analisa o percentual de ex-moradores que frequentaram a escola localizada na comunidade, atualmente está desativada. Uma minoria relatou ter estudado nesta instituição, um dado que está diretamente relacionado à faixa etária dos entrevistados: Grande parte dos jovens que migraram para a zona urbana teve a oportunidade de cursar o ensino fundamental. Por outro lado, a maioria dos idosos não tiveram acesso à educação, devido a priorização das atividades agrícolas durante sua juventude.

Gráfico 3 - Questionário para ex-morador (perguntas fechadas)



Fonte: Pesquisa de campo. Org. da autora.

O gráfico acima apresenta uma questão relevante sobre o sentimento de saudade em relação ao Logradouro e às experiências vivenciadas na comunidade. Metade dos entrevistados afirmaram sentir saudades, especialmente do cotidiano, das memórias e do convívio social, enquanto a outra metade não compartilhou esse sentimento. Essa diferença pode ser explicada pelas diversas formas de vivências e preferências individuais: enquanto muitos camponeses apreciam a vida no campo, outros migram para a cidade e não desejam retornar às suas origens.

Gráfico 4 - Questionário para ex-morador (perguntas fechadas)



Fonte: Pesquisa de campo. Org. da autora.

O gráfico 4 investiga se os ex-moradores pretendem retornar a viver no Logradouro. Entre 10 entrevistados, 8 afirmaram que não desejam retornar à comunidade. A principal justificativa para essa decisão está relacionada à estabilidade no emprego, à moradia na cidade, à distância e às dificuldades enfrentadas por quem reside na zona rural. Ou seja, a maioria dos entrevistados preferem permanecer na zona urbana onde suas vidas estão estabilizadas, em vez de retornar à zona rural.

Diversos fatores contribuíram para a migração entre o Logradouro e Lagoa-PB, como a morte de parentes (inclusive o proprietário da casa, o que desestruturou a família), a seca, a busca por empregos e melhores condições de vida. Esses elementos geram impactos na estabilidade da comunidade. Além disso, algumas pessoas migraram porque não desejavam permanecer no campo, resultando em uma maior pressão para a migração para a cidade.

Atualmente a comunidade Logradouro enfrenta um processo de despovoamento com apenas três famílias residindo no local. Essas famílias permanecem no campo porque apreciam a tranquilidade e o ambiente agradável da vida rural, e não desejam trocar o campo pela cidade. Mesmo diante da insistência de familiares para que se mudem para a cidade, elas preferem continuar na zona rural.

A escola, que anteriormente desempenhava o papel de integrar a educação aos alunos do campo, encontra-se atualmente fechada. Fundada por volta de 2002, a instituição foi criada em um contexto em que muitas pessoas já haviam migrado para a cidade, embora ainda houvesse uma nova geração crescendo e estudando na escola. Com o tempo, o número de alunos foi reduzindo e a chegada dos ônibus públicos favoreceu o fechamento da escola. Além disso,

a falta de infraestrutura foi um grande fator para o cancelamento da escola, demonstrando o descaso com a educação rural. Diante dessa questão Souza-Chaloba e Moraes (2022) afirmam que:

Educação do Campo foi uma conquista importante para a sociedade brasileira, porém, assim como outros direitos, não foi e não continua sendo cumprida a contento. As escolas do campo são, em grande parte, marcadas pela precariedade, além de diversos outros problemas de variadas ordens (Souza-Chaloba e Moraes, 2022, p. 78).

Como resultado, muitas escolas enfrentam condições de abandono e precariedade estrutural. Exemplos disso incluem telhados danificados, banheiros inadequados, falta de merenda escolar, escassez de livros didáticos e materiais pedagógicos, além de insuficiência de profissionais para atender às demandas escolares.

As escolas do campo enfrentam diversos desafios. A imagem 10 ilustra essa realidade ao retratar a escola municipal da comunidade Logradouro, que foi impactada por esses problemas e atualmente permanece fechada, sem atividades.

Figura 10 - Escola fechada na comunidade Logradouro



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Conforme relatos dos moradores, a escola municipal da comunidade Logradouro atendeu apenas para os anos iniciais do ensino fundamental, com professores que residiam na localidade (muitas vezes sem formação). No entanto, as aulas não eram realizadas diariamente, ocorrendo de dois a três dias por semana. A instituição contava com cerca de três turmas organizadas de acordo com a faixa etária (idade) e o nível de aprendizagem dos alunos.

De acordo com os moradores, a última reforma da escola foi realizada em 2009, mas, por volta de 2015, a escola da comunidade foi fechada (por vários motivos, diminuição dos alunos, falta de investimentos na infraestrutura e no funcionamento e a chegada dos ônibus escolares), os alunos passaram a ser direcionados para as escolas municipais da cidade de Lagoa-PB, com transporte público destinado para esse fim.

Figura 11 - Lateral da escola do Logradouro



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A figura 11 apresenta a escola municipal da comunidade Logradouro por outro ângulo. Nota-se o desgaste nas paredes, evidenciado por rachaduras, além de uma área externa inutilizável. A instituição permanece fechada, sem previsão de reabertura.

Figura 12 - Casas inabitadas



Fonte: Acervo pessoal da autora

Como mostrado na figura acima, as casas abandonadas nas áreas rurais refletem o fenômeno social ligado à migração campo-cidade. A ausência de manutenção leva a deterioração física, como rachaduras, telhados danificados e crescimento descontrolado de vegetação ao redor. Esse cenário é particularmente visível na comunidade Logradouro, onde as consequências do êxodo rural campo-cidade se tornaram cada vez mais evidentes.

2.2 RESULTADOS DO PROCESSO DE MIGRAÇÃO CAMPO-CIDADE NA COMUNIDADE LOGRADOURO

A migração interna, especialmente o fluxo das pessoas do campo para a cidade foi um processo intenso no Brasil e gerou impactos significativos para o território. Nesse contexto Fonseca destaca que:

Nas áreas de recepção, acarretam crescimento das cidades, ou seja, aumentam a taxa de urbanização. Além disso, há o povoamento de novas áreas, o desbravamento de novas terras, ocorrendo, muitas vezes, dificuldades de adaptação ao novo meio. Já nas áreas de origem, ocorre a diminuição da população, a perda dos elementos mais ativos, além do esvaziamento do campo (Fonseca, 2015, p. 337).

No Logradouro o cenário não foi diferente. Ao longo dos anos, a comunidade, que inicialmente abrigava várias famílias, foi progressivamente despovoada, à medida que seus membros migraram para a cidade em busca de melhores condições de vida ou foram impulsionados pela necessidade de se estabelecer na cidade.

Atualmente, restam apenas 3 famílias residentes na área do Logradouro. Esses poucos habitantes são pessoas que demonstram um profundo apego ao local, valorizando a tranquilidade da vida no campo, o trabalho rural e a conexão com o ambiente, preferindo permanecer no Logradouro a se mudar para a cidade. Contudo, essa realidade pode mudar, caso essas famílias remanescentes deixem a região.

Conforme destaca Wanderley (2009, p. 74), “a instalação de equipamentos públicos, tais como eletricidade, vias de comunicação, canalização de águas pluviais e sistemas de esgoto sanitário, deve refletir o reconhecimento dos direitos dos cidadãos, independentemente de seu local de moradia”. A ausência desses serviços no Logradouro ilustra a falta de infraestrutura básica nessa área rural.

Em termos de acesso à água, a comunidade depende do açude do Logradouro, sendo necessário o uso de canalizações e bombas submersas para transportar a água até as residências. O saneamento básico é igualmente insuficiente, já que não há um sistema adequado para esgoto, resultando na prática de descarte a céu aberto. Além disso, os resíduos sólidos são

frequentemente queimados para evitar acúmulo, o que apresenta um risco para a saúde e para o ambiente.

No Brasil embora tenha ocorrido um avanço significativo em diversas áreas, ainda existe uma lacuna na cobertura desses serviços, como observa Wanderley (2009)

No Brasil, embora seja inegável o grande investimento em eletrificação rural, estradas vicinais, transporte intramunicipal, saúde e educação, entre outros, [...] não resta dúvida que a cobertura destes serviços bem como sua qualidade são, ainda, profundamente insuficientes e insatisfatórias (Wanderley, 2009, p. 74).

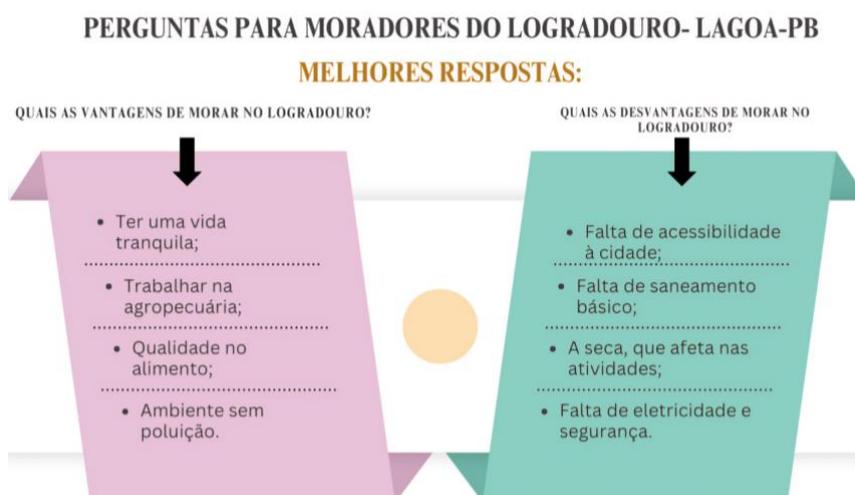
Os investimentos na zona rural, ainda são insuficientes, mas é importante destacar que tanto as áreas rurais quanto urbanas enfrentam desafios relacionados à infraestrutura e a falta de investimentos. Assim, nas cidades também são evidentes diversos problemas, tanto em ordem estrutural, quanto econômica e social.

A análise do questionário a seguir visa compreender as percepções, necessidade e experiências dos participantes em relação aos temas abordados, oferecendo uma visão inicial sobre as dinâmicas e realidade locais. A seguir apresentamos os resultados e as interpretações provenientes das respostas dos questionários, com o intuito de contribuir para uma reflexão crítica sobre os tópicos em questão.

3. ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO: FATORES CONTRIBUINTE PARA A MIGRAÇÃO DA COMUNIDADE LOGRADOURO

O questionário aplicado foi estruturado em duas partes: uma direcionada aos atuais moradores da comunidade, com participação de três pessoas, e outra destinada aos ex-moradores, na qual dez indivíduos participaram. Elaborado com perguntas diretas, o objetivo do questionário foi coletar informações sobre os principais problemas e dificuldades enfrentados pela população camponesa, tanto no passado quanto no presente. A tabela a seguir apresenta dados representando as principais perguntas do questionário aplicado aos moradores da comunidade do Logradouro, em Lagoa-PB.

Tabela 1 - Questionário para moradores do Logradouro



Fonte: Pesquisa de campo. Org. da autora.

A tabela 1 do questionário apresenta duas questões de relevância significativa. **Na primeira, destacam-se os aspectos considerados vantajosos para quem reside na comunidade do Logradouro.** Com base nas respostas obtidas, a justificativa mais recorrente é a vida tranquila, um dos principais motivos para morar no campo, sendo este um dos principais motivos para a permanência na zona rural.

Outro fator mencionado é o trabalho na agropecuária, com muitos dos camponeses expressando o prazer em trabalhar na agricultura e na criação de animais, visando sua subsistência. A qualidade dos alimentos, mais saudáveis e saborosos, também se revela como um aspecto valorizado. Além disso, a ausência de poluição e o ambiente menos impactado pelo descarte do lixo devido à baixa densidade demográfica, são outros pontos positivos destacados

pelos moradores. A seguir, as respostas obtidas podem ser analisadas por meio das falas dos residentes da comunidade Logradouro:

Gosto do campo, pela tranquilidade que ele proporciona, ver o raiar do dia, ter a liberdade em fazer as atividades, aqui tem um ar puro, sem poluição, e posso colher os alimentos fresquinhos. (MORADOR 1, 2024).

Eu amo viver no Logradouro porque é aqui que vi minha família crescer, poder trabalhar na roça, cuidar dos animais é muito bom, um lugar maravilhoso! (MORADOR 2, 2024).

Não troco o Logradouro por nenhum outro lugar, mesmo que minha família insista a mudar para a cidade, não saiu da minha terrinha. (MORADOR 3, 2024).

Para os moradores que ainda residem no campo, apesar das dificuldades enfrentadas, a comunidade Logradouro é o melhor lugar para viver. As vivências, as tradições familiares e o cotidiano do meio rural são elementos fundamentais na vida desses camponeses, e para eles, nenhuma cidade poderia substituir a qualidade de vida proporcionada pelo campo.

Em relação à segunda pergunta do questionário, que abordou as desvantagens de viver na comunidade do Logradouro, as principais respostas obtidas indicaram a falta de acessibilidade à cidade, que é um dos principais obstáculos. Esse fator dificulta o deslocamento dos camponeses quando há necessidade de ir à zona urbana, seja para consultas médicas, idas à escola ou para a realização de compras.

Além disso, o saneamento básico constitui outro problema significativo para a comunidade. Não há sistema de recolhimento de lixo, obrigando os moradores acumular o lixo e queimá-lo. A falta de uma rede de esgoto adequada também é outra grande dificuldade já que os moradores não têm acesso a um sistema de esgoto estruturado e precisam recorrer a fossas construídas manualmente ou a céu aberto. O acesso à água é outra questão crítica, já que para distribuição da água necessita de uma estrutura de encanação, quando tal método não seja viável o camponês tem que pensar em meios alternativos.

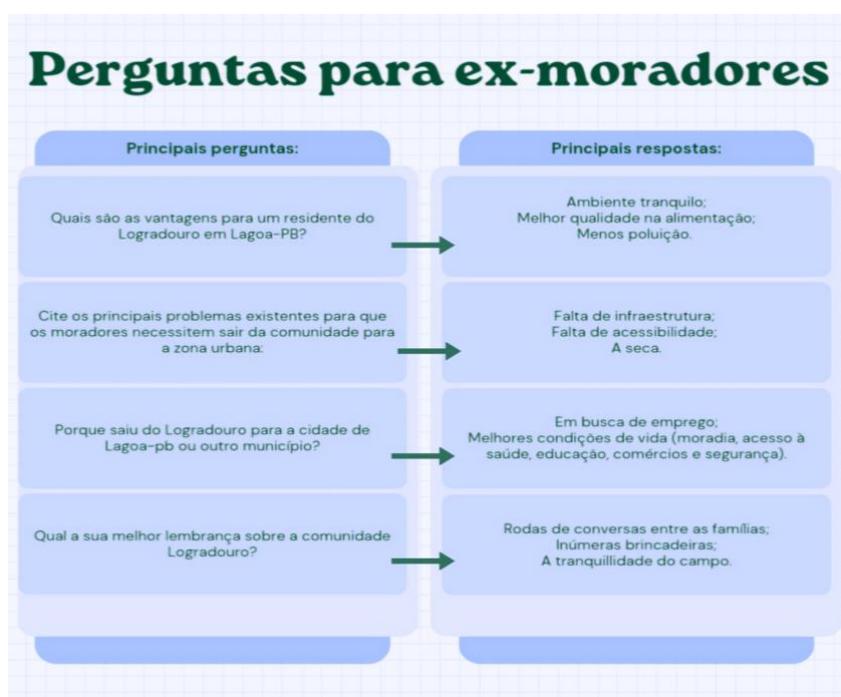
Outro problema recorrente é a seca. O período de estiagem é particularmente marcante, impactando diretamente a agricultura local. Durante esse período, as plantações diminuem e os níveis de água dos açudes começam a baixar, chegando, em algumas ocasiões, a secar completamente, dependendo da intensidade do verão.

A comunidade Logradouro enfrenta desafios recorrentes como a queda de energia e a ausência de segurança, especialmente durante no período noturno. Essas dificuldades representam uma das principais razões que impulsionam os moradores que migraram para a

zona urbana, motivados pelo sentimento de insegurança e vulnerabilidade em situações indesejadas como roubo e furtos. Embora tais problemas sejam uma realidade na comunidade Logradouro, as famílias que residem na localidade demonstram uma certa resistência em migrar para a cidade, motivadas por um profundo vínculo emocional com o território.

A seguir apresenta-se uma tabela com as perguntas que mais se destacaram na pesquisa realizada com os ex-moradores, que compreende os fatores que os levaram a optar pela migração para a zona urbana.

Tabela 2 - Questionário para ex-moradores



Fonte: Pesquisa de campo. Org. da autora.

A primeira pergunta da tabela está relacionada às vantagens de residir na comunidade do Logradouro. As respostas obtidas foram organizadas em três categorias principais. A primeira destaca-se pelo ambiente tranquilo, caracterizado como um espaço de serenidade e longe da agitação da zona urbana. A segunda refere-se à qualidade da alimentação, uma vez que os moradores do Logradouro consomem majoritariamente alimentos produzidos na localidade, livre de agrotóxicos, conservantes e outros produtos químicos comumente presentes em produtos industrializados. A terceira categoria aborda a questão da poluição, salientando que, ao contrário das zonas urbanas, a comunidade rural é menos impactada por problemas como poluição hídrica, ocasionada por esgotos e lixo acumulado, e poluição atmosférica.

A segunda questão buscou identificar os problemas enfrentados pelos moradores e ex-moradores, cujas respostas também foram definidas em três categorias. Em primeiro lugar destaca-se a carência de infraestrutura básica, como por exemplo rede de esgoto e coleta de lixo. A segunda problemática identificada é a falta de acessibilidade. Localizada a cerca de 5 km da cidade, a comunidade enfrenta dificuldades de deslocamento, especialmente em situações emergenciais, como a necessidade de atendimento médico, agravadas pela precariedade das estradas. Por fim, ressaltada a questão da seca, que continua sendo um dos desafios mais críticos enfrentados pelos moradores.

A terceira questão investigou os motivos que levaram os ex-moradores a migrarem para a zona urbana. As respostas foram divididas em duas categorias principais: A primeira está relacionada à busca por emprego, uma vez que a cidade oferece melhores oportunidades e recursos para sustentar e melhorar a qualidade de vida. A segunda questão envolve a procura por condições de vida mais adequadas, incluindo habitação, acesso a serviços de saúde (como hospitais, postos de saúde, dentistas, psicólogos, entre outros), educação de qualidade para os filhos e a maior proximidade às redes de comércio e serviços (como farmácias, lojas de roupas, alimentação, entre outros). A segurança é apontada como um fator relevante.

A quarta pergunta do questionário, buscava compreender se os ex-moradores ainda guardam algum tipo de lembrança da comunidade e qual seria a melhor memória associada a ela, revelou-se respostas enriquecedoras, organizadas em três categorias. A primeira categoria destaca-se como rodas de conversa entre familiares. Devido ao acesso limitado à tecnologia na comunidade, muitas famílias se reuniam regularmente, seja à tarde ou à noite, para longos momentos de conversa. Essas interações, descritas como resenhas informais, são específicas de uma memória valorizada pelos antigos moradores, que associam essas práticas a um forte senso de conexão e convívio familiar.

A segunda categoria abrange as brincadeiras realizadas na comunidade, fazendo-se uma parte significativa nas lembranças dos ex-moradores. Entre as atividades relacionadas, destacam-se brinquedos criados artesanalmente, como bonecas de sabugo de milho e retalhos de tecido, além de bolas de papel, que proporcionavam diversão para crianças e adolescentes. Muitos dos que participaram dessas brincadeiras hoje são adultos, mas guardam com carinho as memórias desses momentos de lazer e criatividade que marcaram sua infância e juventude.

A terceira categoria refere-se à tranquilidade do ambiente rural, especialmente valorizado por idosos e adultos. Esses moradores registram com saudade os momentos de silêncio e descanso proporcionados pelo campo. Apesar de apreciarem esse estilo de vida mais

pacífico, muitos foram obrigados a deixar a comunidade devido a fatores adversos, como a seca, a insegurança ou o falecimento de entes queridos, impossibilitando a permanência na zona rural.

Por fim, o questionário inclui uma questão marcante: “Gostava de morar no Logradouro?”. As falas dos ex-moradores evidenciam as diversas motivações e percepções que moldam a relação entre os indivíduos e a comunidade rural do Logradouro.

Gosto do campo, mas prefiro viver na cidade, por causa do meu emprego, e minha filha que estuda, se torna mais fácil viver na cidade. (EX-MORADOR 1, 2024).

Não gosto do Logradouro, já me acostumei na cidade e não pretendo voltar para o Logradouro. (EX-MORADOR 2, 2024).

Não gosto de morar no Logradouro, porque lá não tem estrutura para ter uma vida adequada. (EX-MORADOR 3, 2024).

Eu até gosto, mas não tenho possibilidade de voltar a morar lá. (EX-MORADOR 4, 2024).

Os questionários aplicados aos ex-moradores e atuais moradores da comunidade rural Logradouro desempenharam um papel fundamental na compreensão das dinâmicas sociais, culturais e econômicas que influenciam as relações das pessoas com o espaço rural e suas escolhas pela migração. Por meio das respostas obtidas, é possível identificar os fatores que condicionam a permanência, o apego ou o afastamento dos indivíduos em relação à comunidade, bem como as percepções sobre a qualidade de vida, infraestrutura e oportunidades. Além disso, os questionários fornecem uma perspectiva qualitativa que valoriza as vozes e experiência dos ex-moradores, permitindo que suas narrativas pessoais contribuam para uma compreensão mais profunda das transformações que envolvem o conceito campo-cidade.

3.1 ENTRE O CAMPO E A CIDADE: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A PERMANÊNCIA NO MEIO RURAL

O processo de migração campo-cidade deriva-se de situações distintas, que fazem com que o camponês saia do seu lugar de origem em busca de melhores condições de vida, porém ocasiona muitos desafios no decorrer do trajeto. Diante desse termo, Junior e Andrea (2006) afirmam que:

A migração campo-cidade precisa ser entendida como forma de exclusão dos pobres que não encontram possibilidades de sobrevivência no lugar de origem e também não encontram oportunidades no lugar de destino. O lugar de destino que quase sempre é

provisório, pois os migrantes são “incentivados” e “empurrados” a continuar nos caminhos, sem saber para onde estão indo. (Junior e Andrea, 2006, p. 5)

A migração campo-cidade resultou em uma desvalorização significativa do meio rural, levando quase ao total do despovoamento da comunidade Logradouro. Como destaca Fonseca (2015, p.337), “nas áreas de origem ocorre a diminuição da população, a perda dos elementos mais ativos, além do esvaziamento do campo”. Esse processo não apenas compromete a manutenção das tradições e do modo de vida rural, mas também intensifica as desigualdades demográficas entre o campo e a cidade. Nesse contexto, a revalorização do meio rural surge como uma pauta essencial para mitigar o abandono dessas áreas e promover o equilíbrio entre os espaços urbanos e rurais.

Diversos estudos apontam estratégias para reverter esse cenário como, a pluriatividade, que possibilita aos agricultores diversificar suas fontes de renda e permanecer no campo, mesmo quando as atividades agropecuárias não são suficientes para garantir sua subsistência (Elesbão, 2007). O turismo de base comunitária desponta como uma dessas iniciativas, ao integrar atividades culturais, ecológicas e recreativas organizadas por famílias locais. Outra iniciativa importante é a agricultura familiar, que não apenas sustenta a produção local, mas também atrai interesse como elemento cultural e econômico.

Para Elesbão (2007, p. 61), “[...] identificar o potencial de cada local é fundamental na elaboração de políticas de desenvolvimento rural”. A urbanização intensificou os problemas nas cidades levando algumas pessoas a enxergarem o campo como um refúgio, liberdade e qualidade de vida. No entanto, Wanderley (2009, p. 79) enfatiza que “[...] a grande dificuldade das famílias agrícolas decorre não da presença, mas, sobretudo, da ausência ou fragilidade da oferta de atividades não-agrícolas no espaço local.” Limitando a permanência dessas famílias no campo e reforçando o êxodo rural. Ainda de acordo com Elesbão (2007):

Há um processo de valorização do campo, principalmente pelos urbanos, que passam a enxergá-lo não mais como lugar de atraso. Essa percepção em relação ao rural e ao natural se intensificou, na medida em que a sociedade se urbanizou e os problemas desse processo começaram a ser sentidos pela população. A partir daí passa a haver a associação do rural e da natureza, à saúde, à liberdade, à qualidade de vida, ao descanso, etc. (Elesbão, 2007, p. 63).

Valorizar as potencialidades de cada local significa aproveitar o que já existe de positivo nas comunidades rurais. Como destaca, Elesbão (2017):

É fundamental, no entanto, que as estratégias de desenvolvimento para o rural brasileiro levem em consideração a grande diversidade presente neste espaço e

valorizem as potencialidades que cada local oferece, para que se consiga ultrapassar a situação de abandono em que muitas áreas rurais brasileiras se encontram. (Elesbão, 2007, p. 63).

As atividades benéficas que podem ser realizadas no campo servem como uma forma de revitalizar o lugar e de manter os camponeses na comunidade, evitando que sintam a necessidade de migrar para a zona urbana. Em relação ao uso desse termo:

Podemos afirmar que o sentimento de pertencimento implica em olhar e reconhecer-se. Provoca ainda pensar em si mesmo como integrante de uma sociedade que atribui símbolos e valores éticos e morais, o que destaca características culturais (Cardoso et al., 2017, p. 89).

Embora a comunidade Logradouro estejam enfrentando um momento de despovoamento, é fundamental compreender que para muitos habitantes, o campo é muito mais do que um espaço geográfico; é um modo de vida aprofundado e enraizado, que não pode ser substituído facilmente. A pesquisa realizada visa compreender as vantagens e desvantagens do processo de migração do campo para a cidade, analisando não apenas as motivações da saída dos moradores, mas também as consequências desse movimento na comunidade Logradouro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o processo de migração no Brasil durante o século XX, é resultado de grandes fatores, como a exploração da matéria-prima pelos europeus no território, que gerou grandes fluxos comerciais; a intensificação da industrialização, na qual contribuiu para a oferta de emprego e o povoamento nas áreas industriais, auxiliando no processo de urbanização (em 1950), com o desenvolvimento das cidades e a modernização no campo, surgem a partir de 1970 o fluxo migratório em massa do campo para a cidade, denominado de êxodo rural, onde o número da população urbana ultrapassar a zona rural.

Em meio ao grande processo migratório no Brasil, a comunidade Logradouro também foi impactada nos últimos anos. De acordo com as pesquisas realizadas sobre no Logradouro, é possível citar fatores que impulsionaram o fluxo migratório, dentre eles está a seca como o principal motivo de muitos camponeses migrarem para a cidade; a modernização do campo, ou seja, o ingresso do agronegócio é os latifúndios, gerou muitos desafios para a resistência da família camponesa; e a urbanização, onde aparentemente oferece uma vida de qualidade, oportunidades de emprego, acessibilidade e uma moradia digna, atraindo os camponeses para as cidades.

Porém, nem todos os camponeses que migram para a cidade, têm o êxito de conquistar melhores condições de vida. Muitas vezes não conseguem um emprego bom e acabam como trabalhadores informais por não ter uma formação, recebendo um baixo salário e tendem a morar nas periferias da cidade e ser excluído que vários benefícios que são direitos de todo cidadão. Portanto, os problemas como falta de infraestrutura, poluição, e moradias precárias são resultados da migração Campo-Cidade. Além disso, é possível enfatizar o esvaziamento do campo devido a saída da população camponesa, tornando o território despovoado e mais desvalorizado.

Os questionários aplicados foram essenciais para entender sobre os motivos que impulsiona a migração que acontece na comunidade Logradouro para as cidades. A vida no campo traz para as pessoas qualidade de vida, pela alimentação saudável, por ser um lugar tranquilo, e pela boa convivência entre os moradores. Porém, muitas dificuldades surgem, levando os moradores a saírem do campo. De acordo com os relatos, a seca, a falta de infraestrutura, as quedas de energia e a falta de segurança e acessibilidade são alguns dos motivos para que ocorra a migração Campo-Cidade.

Com o problema de esvaziamento, a comunidade Logradouro enfrenta muitos desafios, a escola fechada e casas abandonadas são cenários da sua paisagem atual. Há uma ausência de investimentos, o território acaba sendo desvalorizado. Porém em meio às dificuldades da comunidade, ainda tem moradores que resistem e se mantêm fixos no território, é pensando nesses momentos que mantêm uma afetividade ao território que necessita buscar alternativas de revalorizar a comunidade Logradouro.

Enfim, o maior desafio atualmente na comunidade Logradouro é encontrar uma solução para revalorizar sua área, que possa voltar a ativa, essa perspectiva bem complexa e difícil de se concretizar. Porém, é possível citar a agricultura familiar e turismo de base como propostas para promover o seu crescimento em termos de quantidade e qualidade de produção e auxiliar na reconstrução da comunidade. Além disso, é possível abordar a pluriatividade como uma renda extra para os camponeses que não conseguem sobreviver somente com a agropecuária. Com essas atividades na ativa é possível que os moradores da comunidade Logradouro se fixem e consigam se desenvolver dentro do território.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, MANUEL CORREIA DE. **A intervenção do estado e a seca no Nordeste do Brasil**. Brazilian Journal of Political Economy, v. 6, n. 4, p. 646-654, 1986.
- ALENTEJANO, Paulo Roberto. **As relações campo-cidade no Brasil do Século XXI**. Revista de Políticas Públicas, v. 7, n. 2, p. 303–325, 25 Jul 2015.
- BAENINGER, Rosana. **Migrações internas no Brasil século 21: evidências empíricas e desafios conceituais. Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo**. Campinas: Núcleo de Estudos de População– Nepo/Unicamp, p. 71-93, 2011.
- CARDOSO, Diogo et al. **Espacialidades e ressonâncias do patrimônio cultural: reflexões sobre identidade e pertencimento**. Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT), n. 11, p. 83-98, 2017.
- DE OLIVEIRA ANDRADE, Manuel Correia. **Espaço e tempo na agroindústria canavieira de Pernambuco**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2002.
- DE ANDRADE, Manuel Correia. **O pensamento geográfico e a realidade brasileira**. Boletim Paulista de Geografia, n. 54, p. 5-28, 1977.
- DE ANDRADE, Manuel Correia. **O processo de modernização agrícola a proletarianização do trabalhador rural no Brasil**. Geografia, p. 31-41, 1978.
- DE ANDRADE, Manuel Correia. **Geografia rural: questões teórico-metodológicas e técnicas**. CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v. 5, n. 9, p. 5-16, 2010.
- DE SOUZA-CHALOPA, Rosa Fátima; MORAES, Agnes Iara Domingos. 200 anos de Educação Rural no Brasil: histórias de exclusão, abandono e discriminação. Educação em Foco, v. 25, n. 46, p. 61-85, 2022.
- DOS SANTOS, Maria Pricila Miranda et al. **O ABANDONO ESCOLAR NA ZONA RURAL**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 9, n. 11, p. 4242-4256, 2023
- ELESBÃO, Ivo. **O espaço rural brasileiro em transformação**. Finisterra, v. 42, n. 84, 2007.
- ELIAS, Denise. **Globalização e fragmentação do espaço agrícola do Brasil**. In: Revista Eletrônica de Geografía y ciencias sociales. Universidad de Barcelona. Vol. X, núm 218 (03), 1 de agosto de 2006
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questão agrária e capitalismo agrário: o debate paradigmático de modelos de desenvolvimento para o campo**. Reforma Agrária, v. 35, n. 2, p. 41-53, 2014.
- FERRARI, Dilvan Luiz;
- FONSECA, Wéverson Lima et al. **Causas e consequências do êxodo rural no nordeste brasileiro**. Nucleus, v. 12, n. 1, p. 233-240, 2015.

GUILLEN, Isabel. **111-Seca e migração no Nordeste: Reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica.** Textos para Discussão-TPD, 2001.

Harvey, David **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana** / David Harvey; tradução Jeferson Camargo. - São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2014. P. 26-66.

Jatobá, Lucivânio, 1952 – **Introdução à geomorfologia** / Jatobá, Lucivânio e Lins, Rachel Caldas. -- 2. ed. revista e ampliada. – Recife: Bagaço, 1998. P. 09-140.

Junior, Joao Cleps e Andrea, Maria Narciso Andrea. **MERCADO DE TRABALHO AGRÍCOLA: Os Diferentes Enfoques interpretativos-As Migrações Campo-Cidade.** Conference Paper / Presentation – Minas Gerais – 2006 p. 01-10

Leite, Camila Mascarenhas e Macedo Marcos Francisco de. **CORRUPÇÃO POLÍTICA: A COLONIZAÇÃO DO BRASIL.** Periódico Científico Outras Palavras, volume 13, número 1, ano 2017, 108-120

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **O conceito de espaço rural em questão.** Terra livre, n. 19, 2002.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária.** 1. ed. São Paulo: FFLCH, 2007. 8-12; 43-65.

PEREIRA, Marcos Vinícius Pacheco. Resenha: **O Desenvolvimento Agrícola: Uma Visão Histórica.** Veiga, José Eli da. São Paulo: Edusp. Hucitec, 1991. Revista Espinhaço, 2018. **RURAL.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 9, n. 11, p. 4242-4256, 2023.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes históricas do campesinato brasileiro.** Processos sociais agrários., Caxambu, MG, 1996.

Spix, Johann Baptist von, 1781-1826. Spix, Johann Baptist von e Martius, Carl Friedrich Philipp von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820;** tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer, revista por B. F. Raízes Galvão e Basílio de Magalhães, que a anotou: em colaboração com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 3. ed. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1976. P. 21-25, 181-189.

Suess, Rodrigo Capelle e Silva, Alcinéia de Souza; **A Perspectiva descolonial e a (re)leitura dos conceitos geográficos no ensino de geografia.** Geog. Ens. Pesq. Santa Maria, v. 23, e7, 2019. p. 1-5.

SUZUKI, Júlio César. **Modernização, território e relação campo-cidade: uma outra leitura da modernização da agricultura.** Agrária (São Paulo. Online), n. 6, p. 83-95, 2007.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural brasileiro: acesso a bens e serviços e integração campo-cidade.** Estudos Sociedade e Agricultura, v. 17, n. 1, p. 60-85, 2009.

SITE

Central de Notícias: MST invade ou ocupa? Entenda como acontece a luta pela terra no Brasil. Disponível em: <https://mst.org.br/2023/04/04/mst-invade-ou-ocupa-entenda-como-acontece-a-luta-pela-terra-no-brasil>. Acesso em: 30 de out. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/populacao-moderna-e-do-sec-xvi.html> Acesso em: 06 de nov. 2024.

APÊNDICES

Os questionários foram realizados para moradores e ex-moradores da comunidade Logradouro no objetivo de analisar principais questões como: as vantagens e desvantagens de viver na comunidade, entender sobre o sentimento de pertencimento ao território que exerce sobre as pessoas e refletir sobre a razão pela qual tem se intensificado a migração Campo-Cidade.

Questionário para (Morador) referente a comunidade Logradouro

1. Nome?
2. Quantos anos vive no lugar?
3. Gosta de viver no território?
4. Algo favorável de viver no Logradouro?
5. Quais as dificuldades de viver no Logradouro?
6. Faz plantações?
7. Se sim, quais plantações costuma realizar?
8. Qual as maiores dificuldades para a plantação atualmente?
9. Existe ou já viu algum tipo de violência no lugar?
10. Já estudou na escola?
11. O que você sabe sobre a história da comunidade Logradouro?

Questionário para (ex-morador) referente a comunidade Logradouro

1. Nome?
2. Qual ano você saiu do lugar?
3. Quantos anos você viveu por lá?
4. Gostava de morar lá?
5. Porque saiu?
6. Como conseguiu se estabilizar na cidade?
7. Qual a melhor lembrança de lá?
8. Já estudou ou ensinou na escola que se encontra fechada?
9. Tem vontade de voltar a morar lá? Porque?
10. Na sua opinião, quais são as dificuldades, para quem mora lá?